

Evolução e transformação da forma urbana da Cidade de Estremoz

ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa
Joaquim Satiro
Outubro, 2017



Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Mestrado Integrado em Arquitetura

Joaquim Satiro

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

**Evolução e transformação da forma urbana
de Cidade de estremeoz**

Orientadora:

Teresa Marat-Mendes – Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

Outubro, 2017

Evolução e transformação da forma urbana

da Cidade de Estremoz

Agradecimentos

À minha mãe. Ao meu pai. Pela paciência e apoio constante.

Aos “amigos de Belém”: Ana, André, Flor, Maria, Mauro, e aos outros que às vezes aparecem. Pela amizade de anos.

À professora Mafalda Sampayo, pela sugestão do tema a desenvolver na componente teórica, assim como, por todo o apoio, amizade e interesse demonstrado.

Aos “amigos do ISCTE”, especialmente, à Vanessa, ao Tarsis, ao Davide, ao Diogo e ao Hugo. Pela amizade, força e alegria. Por estes 2 anos.

Ao professor Pedro Mendes. Pela orientação na componente prática, especialmente, pela boa disposição e conhecimento partilhado.

À professora Teresa Marat-Mendes. Pela orientação na componente teórica do trabalho. Pela amizade demonstrada e pelo apoio constante.

Por fim, aos restantes professores do MIA. Pelo conhecimento transmitido ao longo do meu percurso enquanto estudante de arquitetura do ISCTE-IUL.

Resumo

Este estudo pretende dar a conhecer uma análise da evolução histórico e cartográfica da cidade de Estremoz, cuja análise sistemática carece ainda por ser feita. Isto, porque toda a informação disponível sobre Estremoz, se encontra dispersa por vários arquivos e fontes variadas.

A sistematização da informação, aqui tratada com ferramentas próprias do desenho, através da vetorização, legenda e análise gráfica, permitiu neste trabalho uma avaliação à forma urbana de Estremoz, de forma comparativa e evolutiva, facilitando uma leitura mais completa da cidade.

A cidade de Estremoz, permite-nos a cada passo observar um passado cheio de história, relatado nas suas muralhas, bairros medievais, fontes, igrejas e vazios urbanos entre outros elementos, que outrora foram palcos de diversas atividades religiosas, comércio, de poder militar, entre outros usos quotidianos.

Este trabalho aplicou uma metodologia de análise comparativa e espaço-temporal aplicada ao espaço público da cidade de Estremoz. Da análise realizada é possível verificarmos que o crescimento de Estremoz aconteceu de forma lenta, não tendo sido possível identificar grandes transformações desde o século XIX. A localização da linha férrea demonstrou ter sido um dos principais elementos de obstrução ao crescimento da cidade de Estremoz. Outros elementos, como por exemplo as pedreiras, condicionaram o futuro crescimento da cidade. Prevê-se que a evolução da forma urbana da cidade de Estremoz não venha a decorrer para além dos seus limites atuais.

Abstract

This study aims to introduce an analysis of the historical and cartographic evolution of the city of Estremoz, whose systematic analysis still needs to be done. This, because all the information available for Estremoz, is dispersed through several archives.

The systematization of information, treated with tools of the design, through vectorization, legend and graphic analysis, allowed in this work an evaluation of the urban form of Estremoz, in a comparative and evolutionary manner, allowing a complete reading of the city.

The city of Estremoz allows us, at every step, to observe its past history, related in its walls, medieval quarters, fountains, churches and urban voids, among other elements, which once were stages of various religious activities, commerce, military power, among other everyday uses.

With this study, making use of tools of urban design is intended to evidence the results of an analysis of the urban form of Estremoz. For that, a methodology of comparative and space-time analysis applied to the public space of the city of Estremoz was applied.

From the analysis performed it is possible to verify that the growth of Estremoz happened slowly, not being possible to identify great transformations. The location of the railway line has proved to be one of the main obstacles to the growth of the city of Estremoz. Other elements, such as the quarries, have conditioned the future growth of the city. It is thus expected that the evolution of the urban form of the city of Estremoz will not take place beyond its current limits.

Índice

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	7
Índice	8
Enquadramento e justificação do tema	10
Introdução	11
Estrutura do Trabalho	12
CAPÍTULO I	13
Estado da arte	13
CAPÍTULO II	31
Estremoz no espaço e no tempo	31
CAPÍTULO III	43
Análise morfológica da cidade de Estremoz	44
Análise evolutiva dos centros urbanos de Estremoz	46
Propostas para a cidade de Estremoz	51
Proposta para a linha férrea	60
Tabela de análise evolutiva e informativa	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
Anexos A	71
Fichas cartográficas	71

Anexos B	109
Cronologia de factos históricos	109
relativos à evolução urbana de Estremoz	109
Bibliográfica	113

Enquadramento e justificação do tema

No contexto do Mestrado Integrado em Arquitetura do Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL, o presente trabalho foi desenvolvido na vertente teórica de Projeto Final de Arquitetura, tendo sido orientado pela Professora Teresa Marat-Mendes.

A escolha do tema vem da constatação da inexistência de informação sistematizada e organizada sobre a cartografia disponível da Cidade de Estremoz. Esta lacuna tem contribuído, em meu entender, para o desconhecimento da evolução da forma urbana de Estremoz, que já merece o cuidado necessário no âmbito da história urbana.

Sendo eu, natural de Estremoz, mantive sempre o interesse em aprofundar o meu conhecimento histórico sobre a cidade, já que falar de Estremoz, é falar de grande parte da história de Portugal. Seguindo o meu percurso académico pelos estudos da arquitetura, e a história estar contada, mas andando lado a lado com a arquitetura, achei possível contar a história urbana da cidade, recorrendo à cartografia existente e informações históricas. Neste sentido pretendo, contribuir para o aprofundar do conhecimento urbano da Cidade de Estremoz, para estudos, informando a arquitetura futura de Estremoz.

O trabalho pretende coletar conhecimento disperso, analisar a forma urbana de Estremoz de uma perspetiva morfológica, para uma melhor compreensão da evolução da cidade, e delineação de possíveis cenários de que a cidade fora palco, levando-me a pensar sobre o presente e futuro.

Deste modo pretende-se contribuir para o complemento da informação de um território explorado à muito, por vários povos, realizando uma leitura urbana da cidade de Estremoz.

Introdução

Sobre Estremoz há muito material histórico e cartográfico, mas por não se encontrar adequadamente compilado e sistematizado, a sua história encontra-se assim incompleta. O objetivo desta dissertação passa por acrescentar uma sistematização à parte gráfica desse material cartográfico, através da vetorização da cartografia existente e aqui identificada. A componente teórica de Projeto Final de Arquitetura, foi uma oportunidade para tomar contacto com a metodologia de análise arquivística, e compreender quais os momentos históricos chave, que fazem parte da história de Estremoz e desta investigação.

A escolha do caso de estudo da cidade de Estremoz, deve-se ao facto de o autor desta dissertação ser natural desta cidade. Com este trabalho pretende-se identificar autores, coletar e vetorizar a cartografia dispersa, permitindo uma análise sistematizada e da evolução cartográfica da cidade de Estremoz.

O presente trabalho realizado na vertente teórica, permitirá a aquisição de conhecimento relativo ao desenho urbano da cidade de Estremoz, desde a sua origem até aos dias de hoje, revelando ainda um conjunto de planos, que não foram todavia, implementados na cidade de Estremoz.

Para consolidar este trabalho, surgiu a necessidade de se criar uma tabela evolutiva da cartografia identificada e uma tabela cronológica de factos históricos, identificados na pesquisa bibliográfica e arquivística realizada.

Estrutura do Trabalho

O presente trabalho encontra-se estruturado em três partes.

A primeira parte promove um enquadramento e as questões de partida: Pretende-se salientar factos históricos e geológicos. Recolhendo informações históricas, para consolidar o estado da arte. Para uma posterior análise territorial e compreensão da evolução da cidade de Estremoz.

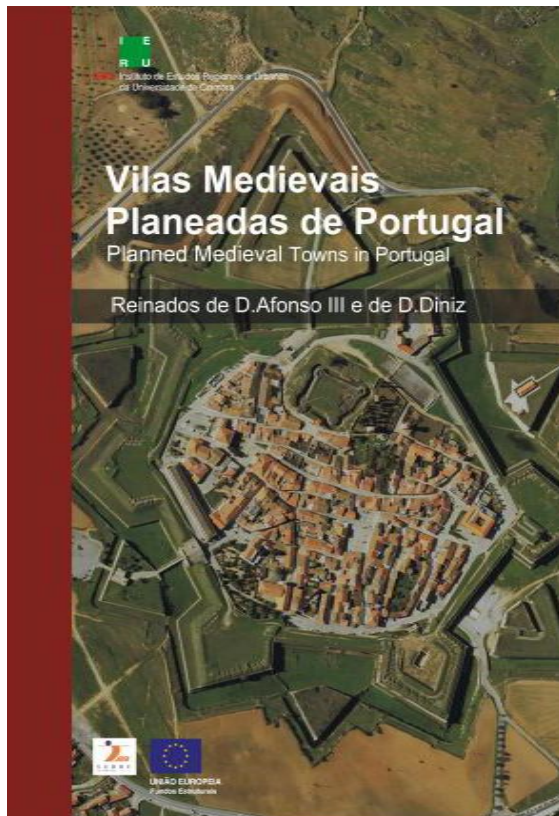
Como a cartográfica existente se encontra dispersa, existe a necessidade de uma pesquisa cartográfica sobre a cidade de Estremoz. Pesquisa realizada no arquivo municipal e regional. Com foco em colmatar a lacuna existente neste tipo de informação.

A segunda parte realiza uma análise cartográfica e morfológica: Recorrendo às ferramentas do desenho, com o objetivo de entender de entender a evolução da cidade de Estremoz. Como a cidade se formou, desde um pequeno aglomerado, evoluindo para uma vila fortificada e por fim à destruição de parte da muralha. Aparecendo aglomerados periféricos à cidade, hoje zonas da cidade já consolidadas.

Com base no trabalho realizado, a terceira parte permite uma compilação de vários anexos, onde se incluem as fichas cartográficas sobre a cidade de Estremoz, organizadas de forma sistematizada, realizando pela primeira vez uma compilação dos vários mapas históricos sobre Estremoz. Outros elementos existentes nos anexos são, duas tabelas, tabela evolutiva e histórica. Fotos e desenhos da cidade de Estremoz, compilados durante a presente investigação

CAPÍTULO I

Estado da arte



Apresenta-se nesta secção uma breve revisão sobre a literatura que informou o trabalho realizado. Esta incide principalmente sobre os autores considerados de referência sobre a História da cidade de Estremoz e da sua forma urbana, bem como os temas centrais deste trabalho. O livro, *Vilas Medievais Planeadas de Portugal*, informa-nos sobre a Europa e os processos de transformação de um Império, em países autónomos, do qual Portugal faz parte. É de interesse clarificar que, “O declínio do Império Romano e a crise económica que assola a Europa no séc. III, estão na origem de um gradual eclipse da vida urbana, que as primeiras invasões bárbaras vêm a acelerar. A insegurança vivida leva os habitantes a recolherem-se atrás de estreitas muralhas elevadas de forma precipitada, provocando uma brusca contração do território urbano ” (Paio et al. 2007, p. 11).

Com a evolução, as cidades estão bem defendidas, surgindo assim novas vilas e novas rotas comerciais. Cito então, “O comércio e a vida urbana começam a ressurgir de uma forma gradual a partir do século X graças a um clima político cada vez mais estável, à abertura de rotas comerciais de longa distância e à circunstância de a igreja ter preservado as suas cidades episcopais amuralhadas e os mosteiros fortemente defendidos, que funcionam como centros administrativos e militares.” (Paio et al. 2007, p. 13).

É de realçar que “Na Península Ibérica, o binómio, comércio/urbano, está associado à reconquista, isto é, à necessidade de repovoar terras devastadas pelas guerras, à necessidade de assegurar a defesa das zonas Fronteiriças e às necessidades internas de crescimento demográfico.” (Paio et al. 2007, p. 12). Como a necessidade de repovoar o território da

Península Ibérica a autora clarifica-nos que, “O urbanismo nos séculos XIII e XIV prende-se com a resolução de problemas concretos, com a colonização rápida de um território, (...) Para este efeito é utilizado um conjunto de regras adaptáveis a muitas situações, que muitas vezes acabam por se transformar numa notável trama regular, tal como acontecia nas cidades hipodâmicas e nas colónias romanas da Antiguidade.” (Paio et al. 2007, p. 15).

É de destacar que o ‘Rei Sábio’, Rei Dom Afonso X, Rei de Leão e Castela (1252-1284), explica no livro “Las Siete Partidas” como se compõe uma vila e os seus elementos ordenadores. A partir de um elemento central, uma rua ou uma praça, e sempre obedecendo a uma ordenação regular. Sendo “Las Siete Partidas” o ponto de arranque do mundo medieval ibérico (Paio et al. 2007, p. 19).

É importante clarificar que “O povoamento do território português, no princípio da nacionalidade, foi condicionado por um conjunto de circunstâncias decorrentes da recuperação territorial de um espaço ocupado, desde o século VIII, pelos muçulmanos.” (Paio et al. 2007, p. 32).

É de realçar que a fundação de novas e vilas e a ocupação de pequenos fortes, vem na sequência de dominar o território. Tornando-se as pré-existências parte da memória do lugar até hoje, já que o tecido urbano se desenvolveu a partir dessas pré-existências. cito então que, “A fundação de novas vilas em locais estratégicos do território português, foi um ato político destinado a colocar sob domínio da coroa o processo de ocupação e organização social, económica, política e administrativa do território. O repovoamento da Península Ibérica, à medida que o território ia sendo reconquistado, tinha como base, uma organização em aldeias, pequenos lugares fortificados e castelos isolados. Assim, o repovoamento deve ser visto como

processo organizador do território e remete para a forma como se organiza em torno das apre-existências.” (Paio et al. 2007, p. 55) Com o território litoral mais urbanizado. Era necessário “criar ou revitalizar a estrutura viária do resto do país”, principalmente o Alentejo, criando “novos centros urbanos e dotá-los de fortificações e de uma base humana que os sustentasse.” (Paio et al. 2007, p. 15 16).

*A cidade portuguesa na Idade Média.
Aspectos da estrutura física e desenvolvimento
funcional*

Jorge GASPAR
(Universidade de Lisboa)

Para a Maria José

Em regra, a cidade medieval portuguesa, quer seja uma herança de períodos anteriores, quer seja uma criação nova, desenvolve-se a partir de uma posição topograficamente saliente, para depois descer para os terrenos menos acidentados. Neste, como noutros aspectos a cidade portuguesa não constitui um caso original no conjunto da cidade europeia. Se o papel defensivo representa um elemento estruturante da evolução da cidade, desde muito cedo, mesmo quando a posição alcandorada ainda era fundamental¹, o crescimento da massa construída se processa mais em função de factores de natureza económica-funcional, que tendo em conta as necessidades em tempo de confrontação bélica.

A estrutura da cidade portuguesa da última parte da Idade Média, constitui uma herança das inovações urbanísticas romana e muçulmana, apresentando semelhanças e pontos de convergência com as demais cidades ibéricas contemporâneas. Por outro lado, ocorreram em Portugal algumas inovações no domínio do planeamento urbanístico durante o período que estamos a tratar que não têm correspondência no resto da Península Ibérica.

O tipo mais frequente da cidade medieval portuguesa deste período, caracteriza-se pela existência de um núcleo original, fortifica-

¹ A situação de *oppidum* começa a perder importância como base defensiva com a expressão da artilharia, que provoca a partir do séc. xvii toda uma nova técnica de defesa dos aglomerados populacionais. Todavia, o simples desenvolvimento dos subúrbios, envolvendo total ou parcialmente o sistema defensivo da cidade medieval, faz com que por vezes a sua defesa tenha que se processar fora da própria aglomeração, em sistemas defensivos estrategicamente colocados ou em campo aberto.

Na dissertação sobre a Cidade medieval Portuguesa, do autor Jorge Gaspar, é de referir que, “A estrutura da cidade portuguesa da ultima parte da idade média, constitui uma herança das inovações urbanísticas romanas e muçulmana, apresentando semelhanças e pontos de convergência com as demais cidades ibéricas contemporâneas.” (Gaspar 1985, p. 133).

É também, “na cidade inicial que se vão instalar os novos senhores, após a expulsão dos muçulmanos, tendo na numa primeira fase especial ênfase o papel da igreja e da nobreza.” (Gaspar 1985, p. 134).

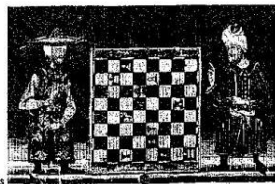
Como explica o autor, as cidades crescem para a periferia, assim como novas praças e ruas. A cidade de Estremoz é exemplo disso. Cito então que, “Com o desenvolvimento das cidades o papel funcional destes dois elementos da estrutura morfológica, largos e ruas, migram para a periferia, para os arrabaldes, que se desenvolvem para lá dos núcleos urbanos iniciais.” (Gaspar 1985, p. 134).

DL 19.SET2002*215034

URBANISMO MEDIEVAL PLANEADO

as novas vilas medievais

Séc. XIII - XIV



Afonso X
Livro dos Jogos
1283

Orientador
Prof. Doutor Arq. Manuel C. Teixeira

Alexandra Cláudia Rebelo Paio, Arq.

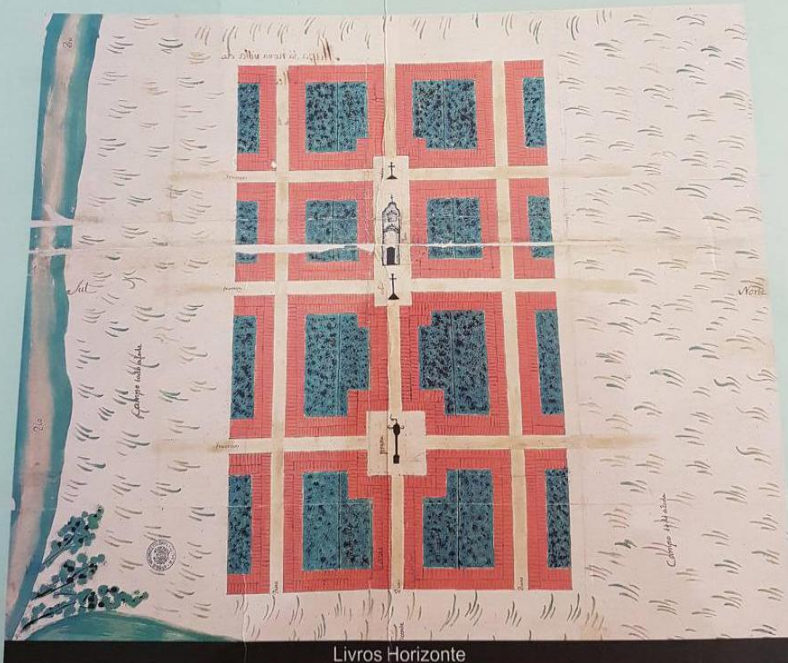
Com o Tema, “*Urbanismo medieval planeado: As novas vilas medievais*”. Da autoria de Alexandra Paio. A autora inúmera as novas vilas medievais do séc. XIII em Portugal, cinto que: “O desenvolvimento e integridade territorial” levo a que oito novas vilas tenham sido fundadas em 1258, em diferentes partes do país. Localizadas de maneira a controlar o vasto território. As vilas são: Melgaço, Viana Foz do Lima, Vinhais, Chaves, Vila Real, Aguiar da Beira, Alcáçovas e Estremoz (Paio 2001, p. 53).

O URBANISMO PORTUGUÊS

SÉCULOS XIII-XVIII PORTUGAL-BRASIL

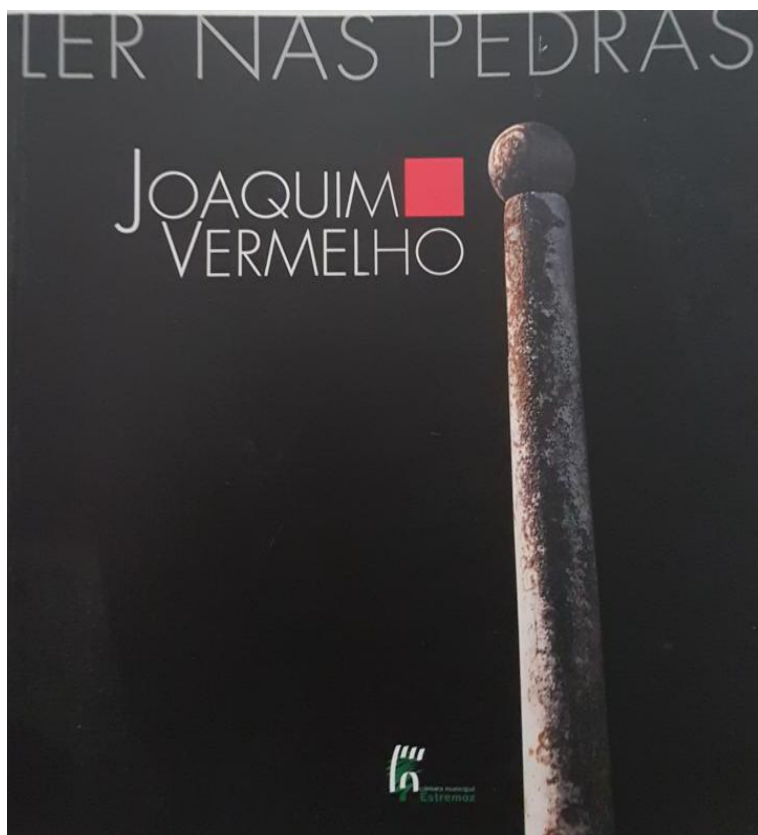
Manuel C. Teixeira

Margarida Valla



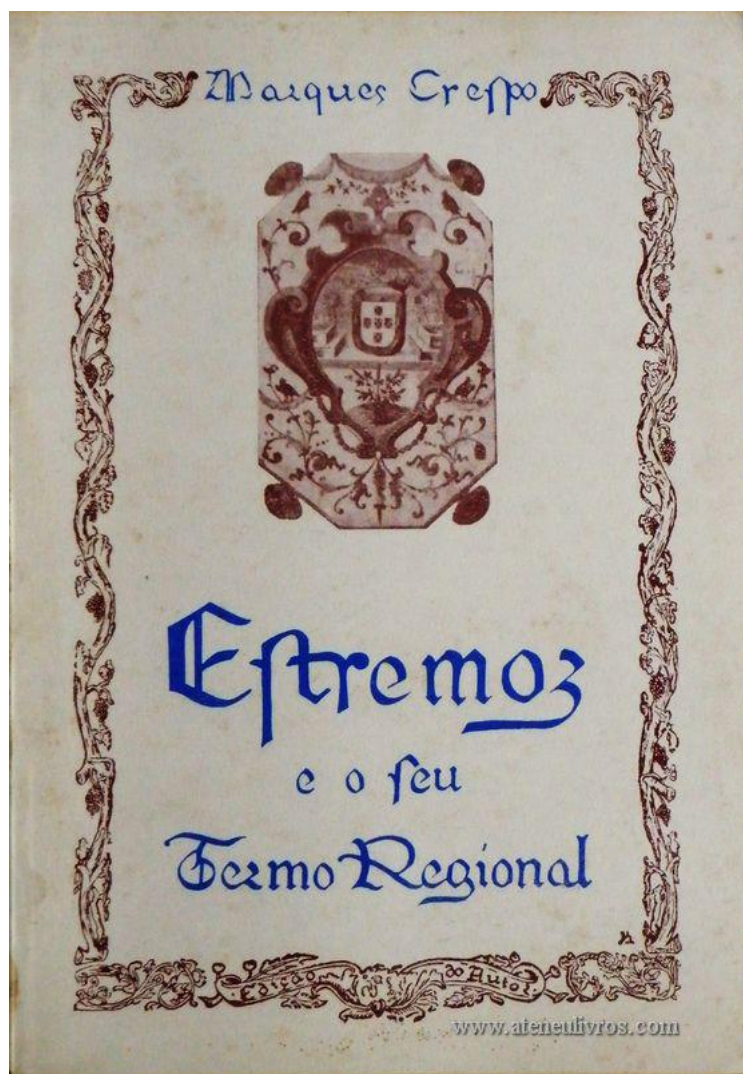
O livro com o título “*Urbanismo Português Séc. XIII – XVIII*”, da autoria de Manuel Teixeira e Margarida Valla. Elabora um estudo sobre o urbanismo português, aborda os principais passos do urbanismo planeado em Portugal, detalhando núcleos urbanos, sendo estes exemplos das principais fases evolutivas e dos principais tipos de traçado urbano em Portugal e no Brasil. Baseando-se na recolha e leitura de cartografia histórica, representando graficamente as sucessivas fases da evolução urbana destes núcleos. Concretamente sobre a cidade de Estremoz, é realizada uma análise histórica já muito esmiuçada por outros autores.

A sistematização de informação em relação aos equipamentos da cidade é muito coerente. Em relação à evolução dos centros urbanos é feita uma análise por escrito, mas graficamente, isso não acontece. Prendendo neste trabalho esclarecer graficamente esta observação. Clarificando os três centros urbanos da cidade: 1º a praça da cidadela, no cerco do Castelo, 2º o Largo de Camões, junto ao Pelourinho e 3º a Praça Marquês de Pombal, onde hoje funcionam os equipamentos administrativos e mercados da cidade.



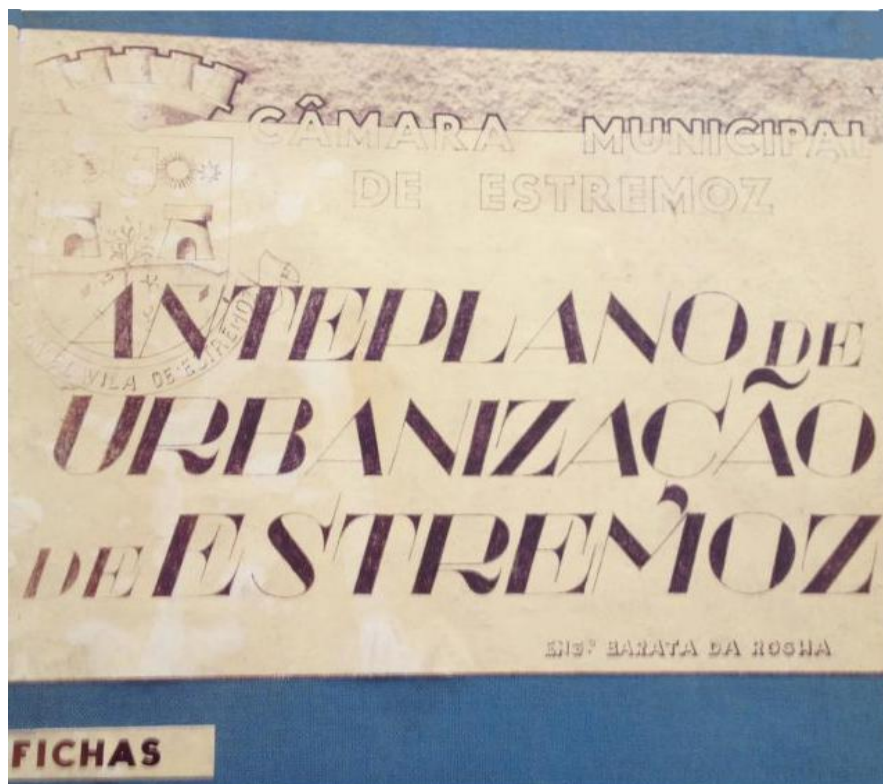
Ler nas pedras, do autor Joaquim Vermelho. Ilustre professor da cidade, leva-nos numa viagem a Estremoz quinhentista. Explicando em palavras, como era o centro urbano da cidade, características arquitetónicas e patrimoniais. Revelando um passado que se desenrola até ao presente.

O autor faz referência a alguns aspetos do rosto quinhentista do castelo, como a explosão provocada por munições armazenadas num casebre do mesmo. Alterando parte da fisionomia urbana medieval da cidadela. É feita referência ao facto de o fogo ter consumido informação importante, perdendo-se documentos históricos desde a sua fundação até ao fim do século XVII.



“Estremoz e o seu Termo Regional”, do autor Mário Crespo. É obra de referência para quem procura informação sobre a cidade de Estremoz. Publicado em 1950, reúne informações diversas sobre a história da cidade, informações sobre edifícios civis e religiosos, figuras ilustres da cidade, estatísticas, lavoura, fontes e suas águas, romarias, situação geográfica, muralhas e castelo. “As fontes dentro da cidade, são: S. João de Deus, na Rua do mesmo nome; Chafariz das Bicas, fonte monumental que jorra água em abundância pelas suas oito bicas; Fonte do Espírito Santo, no Largo do mesmo nome; Poço (público) da Praça Luís de Camões; fonte dos Currais, na Rua de Brito Capelo; e o poço do rossio, hoje com um marco fontanário para o público. É encimado pelo Sátyro, obra de arte de Sá Lemos. Este poço é um nascente poderosíssimo. Abastece o Lago, o poço da Praça Luís de Camões e vai alimentar, conjuntamente com o poço do Pátio dos Congregados (Câmara), o chafariz dos Currais, correndo os sobejos para um lavadouro, fora de portas.” (crespo 1950, p. 185) É de clarificar que a Fonte do Sátyro “tem a sua nascente no grande Rossio, junto da ermida de Santo Cristo, e por um grande aqueduto subterrâneo, que atravessa todo o rossio, vai sair alastrando por uma formosa concha de pedra que jorra em um famoso lago do Gadanha” (crespo 1950, p. 185).

Tiro partido desta informação importante que explica a nascente principal, visto que é possível apoiar o meu estudo sobre a nascente do Sátyro. A percepção da diferente cartografia e ilustrações existentes, é que a nascente, corre de fora da muralha para o lago, e é exatamente o contrário. Isto acontece porque a topografia não é representada como nos dias de hoje. Interpretando-se assim a informação de forma errada.



No inquérito de 1961, realizado pelo engenheiro Barata da Rocha, no ponto 3.2 sobre a geologia de Estremoz. É explicado que a cidade assenta totalmente nos terrenos classificados como câmbrios na carta de geologia de Portugal.

Levando-nos a querer que, “A história dos mármore alentejanos não é tão só a história de uma rocha. É a história dos homens e das suas vidas, arrancando às entranhas e profundezas da Terra Mãe a matéria pétreia com que prolongaram até nós as suas mãos em prece e em labuta, os seus espíritos e as suas ânsias.” (Associação de desenvolvimento da zona dos mármore 1996, p. 10).

É de destacar ainda que, o “Mármore de Estremoz foi a designação que se consagrou, para referenciar um certo universo de variedades de uma rocha calcária que se dissemina um pouco por todo o Alto Alentejo, sobretudo nos conselhos de Estremoz, Borba, Vila Viçosa, Alandroal, Redondo e Viana do Alentejo, em jazidas de maior ou menor dimensão.(...) Com propriedade, o mármore é uma rocha metamórfica granulosa e cristalina, com grau 3 de dureza média, originada pela ação do calor e da pressão, durante os últimos períodos da era Paleozóica, Carbónico e Pérmico, sobre os depósitos sedimentares câmbrios de calcite, que é a cristalização do carbonato de cálcio.” (Associação de desenvolvimento da zona dos mármore 1996, p. 16).

Podemos então entender que, “O que designamos por mármore do Alentejo constitui pois um universo geológico de certo modo homogéneo, mas com variadas apresentações, que percorre um espectro que se estende do mármore branco e puro, de grão fino, sem veios nem cristalizações alógenas, que abunda nos concelhos de Estremoz, Borba e Vila Viçosa,

consagrado pela designação do branco de Estremoz, até aos mármore cinzentos escuros, por vezes com matizes e veios dourados, os pardos, esverdeados e os róseos.” (Associação de desenvolvimeto da zona dos mármore 1996, p. 18).

O mármore distingue-se no contexto urbano das vilas e cidades alentejanas, com o revestimento de partes de edifícios públicos, religiosos e civis independente da nobreza da sua habitação, com embasamento de pedra ou simples moldura nos vãos, entre outros ornamentos. No que se refere à sua utilização no espaço público, tendo um carácter duradouro, é essencialmente utilizado em fontes, lagos, bancos, Pelourinho e esculturas. O mármore dá assim características à paisagem rural regional, acentuando a cultura do mesmo na região.

As pedreiras podem ser importantes para o comércio e empregabilidade local, mas é de notar que muitas delas se encontram abandonadas. Sem barreiras físicas para proteção de outros. Estas jazidas encontram-se a este da cidade de Estremoz, mas ainda na sua periferia. Tornam-se limites físicos, vazios profundos, lagos artificias de formas irregulares, sem futuro para uma requalificação urbana ou mera intenção. É também de apontar para os aglomerados, visíveis da nacional N4, sentido Estremoz – Borba, que por não terem nascido mármore branco, sendo apenas pedra de fraca qualidade. Por ali ficam empilhadas, surgem novas serras criadas pelo homem, ajudando a configurar novas paisagens de altos e baixos sem fim à vista.

A análise histórica está bastante bem feita, mas a componente cartográfica, por se encontrar dispersa, encontra-se por compilar de forma sistematizada.

A arquitetura e a sua análise morfológica, incorpora uma ferramenta que permite colmatar esta lacuna.

CAPÍTULO II

Estremoz no espaço e no tempo

A cidade de Estremoz, também apelidada de cidade branca, tem na sua base um oteiro, uma posição geo-estratégica de que não se sabe a sua origem. Existem vestígios romanos e de ocupação árabe, que chegaram até nós, de um ponto de vista urbano, como por exemplo o 1º cerco medieval e as couraças.

Para quem entra pela fronteira de Espanha com Portugal, pelo Caia, em direção a Lisboa, encontra à sua direita uma cidade murada, um pequeno aglomerado, com uma cintura amuralhada e telhados irregulares onde se distingue uma exuberante torre¹. Joaquim Vermelho, explica no livro “*Ler nas pedras*”, que “o fogo no Castelo, fez com que a sua história primitiva não chegasse até nós, e parte do traçado urbano também não, perdeu-se documentação importante da história local desde a sua fundação até ao fim do século XVII.”

Estremoz é uma das mais airosas cidades alentejanas, de amplas proporções, que à muito ultrapassou o perímetro do grande cerco de muralhas, com tendência a crescer para noroeste. A cidade ergue-se numa região onde a planície, ondulou, originando algumas colinas. Sobre uma dessas colinas a 420 metros de altitude², protegida do vento suão pela serra de Ossa, está a “notável Villa do Reino”.

Nos campos em seu redor, predominam vinhas, montados de sobro e azinho, bem como extensos olivais.

¹ Torre de menagem ou torre dos Três Reis.

² Coordenadas: Latitude.: 38°50'59.99''N e Longitude.: 7°34'12.00''W.

O barro vermelho de Estremoz é também um dos elementos que identifica a cidade de Estremoz, muito famoso, com as suas louças e púcaros, foram moda no século passado. Foram dos mais famosos da Europa.

Uma vez que a cidade se encontra sobre terrenos calcários, sendo este um dos ex-líbris da cidade, o mármore branco. Muito utilizado na construção, confere à cidade, aliado à cal, um tom branco e um asseio impecável, tanto nas habitações como nas ruas.

Os mármore, demonstram a antiguidade da exploração desta matéria prima na região. É pertinente referir que o templo romano, apelidado de templo de Diana, em Évora foi construído com esta matéria prima, reforçando ainda mais a sua importância na história.

A torre de menagem da cidade de Estremoz, é mais um exemplo de construção com mármore. Com os seus 27 metros de altura, é dominante na paisagem pela sua estatura. Subindo ao topo detém uma visão dominante sobre os campos em seu redor. É conhecida por “Torre das Três Coroas” ou dos “Três Reis”. Sendo iniciada a sua construção por D. Sancho II, seguindo-se D. Afonso III e finalizada a obra por D. Dinis.

É de referir que “D. Dinis, ficou muito ligado à cidade, mandou construir o Paço Real aquando das negociações do seu noivado com a Infanta Isabel de Aragão. O monarca ali passou muitas temporadas com a Rainha, hoje Rainha Santa Isabel, que faleceu em 1336 numa das salas do Paço Real.” (Crespo 1950, p. 110).

Após todo o estudo histórico da cidade de Estremoz, e entendimento do desenvolvimento da cidade nos diferentes reinados, foi pertinente desenvolver uma análise cartográfica da evolução da cidade de Estremoz.

O presente trabalho de análise cartográfica, parte de desenhos e plantas de todas as praças do reino de Portugal, pelo Tenente General Nicolaô de Langrês no séc XVII, fazendo referência ao séc XIV. Representado o 1ºcerco e o anexo.

O 1º cerco, é o bairro do Castelo, foi reconstruído no reinado de D. Afonso III, é representado com as Couraças, elemento árabe, com função defensiva, que protegia a fonte das couraças, servindo para quem ali vivia, ir buscar água. Neste 1º cerco, encontra-se o forte medieval, a igreja de Santa Maria, de arquitetura chã, Torre dos Três Reis. O traçado urbano é representado com características medievais. Seguindo a topografia irregular do lugar.

Devido ao aumento populacional foi planeado o Bairro de São Tiago. O cerco anexo amuralhado do Bairro de São Tiago, surge da necessidade de proteger os moradores. Sendo assim lançado o traçado em primeiro lugar, com uma malha hipodâmica medieval planeada, logo o anexo é posterior ao traçado urbano, já que veio de uma necessidade, proteção. No seu traçado é lançado a rua direita, entre a porta de Santarém e a igreja de São Tiago. O 1º cerco continua a ser a cidadela com uma praça e o Bairro em anexo, consta de uma rua direita que termina com um edifício religioso. Fora do 1º cerco e anexo, já construído e não representado nas plantas de todas as praças do Reino de Portugal, existia o convento Franciscano, que por uma lapide de um escudeiro do Rei, senhor de terras de Sousel, data de 1258. Assim sendo é justificado que já estava construído e não foi representado na cartografia.

O convento Franciscano é ponto de referência na futura configuração do traçado viário e espaço público urbano da cidade como a conhecemos nos dias de hoje.

Com o crescimento populacional, a “villa” de Estremoz cresce para fora dos cercos existentes, alterando a sua centralidade gradualmente para a praça Luís de Camões, tendo as funções administrativas passado para essa zona da cidade.

A “villa ” pela sua posição geográfica defensiva, de terrenos aráveis, exploração de pedra e barros, facilmente se tornou numa das vilas mais importantes do reino, sendo alvo de estudos cartográficos no século XVII, para um 2º cerco. Este moderno, francês, com baluartes e revelins. Abarcava não só a proteção dos habitantes, assim como conferia também proteção aos conventos, igrejas e ermidas.

Com o crescimento do tecido urbano surgem novos bairros, como o bairro do espírito Santo, ao pé das couraças. A carta do autor Manuel Sousa, datada de 1819³, com a planta do Castelo de Estremoz, e o bairro de são Tiago em anexo, apresenta características únicas:

- Mostra-nos o 2º cerco a ser iniciado, e soluções imaginadas para os baluartes e cortinas dos cercos existentes.

- É esboçado um revelim circular, entre a porta de Santarém do primeiro cerco e o bairro de são Tiago, cortando o eixo da rua direita com a praceta do castelo.

- O tecido urbano representado, oculta a ermida de São Lázaro exterior aos cercos. Perto da porta de Évora (oeste).

³ Ficha Cartográfica nº 10

A este é representado o tecido urbano consolidado, ainda com o 2º cerco em construção. É também representado o bairro de espírito santo⁴.

As muralhas do 2º cerco que rodeiam a cidade foram construídas no reinado de D. Afonso VI, durante a guerra da independência, passando assim o primitivo castelo a ser a cidadela da praça. Muito atribulada foi a história desta cidadela, chegou a servir de armazém de munições e também de paiol de pólvora até 17 de Agosto de 1698, sendo este um dia trágico para a memória da cidade⁵. Após os cercos consolidados, chega-nos uma copia desenhada pelo Engenheiro Filipe Neri da Silva no ano de 1790. Que representa o tecido urbano, sem alterações na sua configuração intra-muralhas e onde há o cuidado de apresentar as frações autónomas das propriedades. Nesta cópia não são distinguidos os espaços públicos e a rede viária, por consequência também não são representados nem os passeios nem os jardins da cidade. A carta com o título Planta da praça de Estremos⁶, tem uma característica interessante, representa um vazio urbano em frente à ermida de São Lázaro, a sua proporção é

⁴ Parte do bairro do espírito santo foi destruído por questões de segurança do castelo, sendo também destruída a ligação das couraças ao cerco medieval, protegendo o castelo no topo da colina, com espaço livre à sua volta.

⁵ Neste trágico dia perde-se parte da malha medieval, são destruídas habitações e o edifício principal sofreu enormes estragos, com esta catástrofe ficou para trás no tempo, a memória do lugar.

⁶ Ficha cartográfica nº 6

semelhante à praça Luís de Camões. É a única carta, onde é representado este vazio urbano, fazendo parte da rede viária da carta. A rede hídrica não foi representada⁷.

No século XIX, D. João V mandou reconstruir o Paço Real e reparar a capela da Rainha Santa Isabel. Também mandou restaurar a cidadela. Foi o fundador da sala de armas. Considerado um dos mais ricos e curiosos museus de tais objetos na Europa⁸.

Neste século houve também a intenção de construir um 3º cerco⁹, do qual a história nada sabe. O mapa foi desenhado em perspetiva, datado pelo arquivo da Biblioteca Nacional de Paris, referente ao ano de 1891, a menos de uma década do séc. XX¹⁰. Este mapa é uma incógnita histórica, dentro do 3º cerco são representados dois equipamentos, onde fica a dúvida sobre a função que iriam desempenhar na época.

⁷ Ocultando assim a nascente em frente à ermida do Santo Cristo. Que segue nos dias de hoje por baixo da praça de armas, foi criada uma conduta entre a nascente até ao lago, chafariz e fonte, aí bifurca para o logradouro na zona de reguengos e para a fonte do espírito santo, junto às couraças. Seguindo cursos diferentes que se unem fora do 2º cerco, seguindo o seu curso natural para noroeste.

⁸ Com as invasões francesas em 1808, a sala de armas foi totalmente saqueada, perdendo-se um espólio incalculável. Hoje o Palácio, que já foi padaria, escola industrial, foi convertido em pousada, de nome Rainha Santa.

⁹ Ficha cartográfica nº 13.

¹⁰ A datação deve ser incorreta, porque em 1873 a rede ferroviária fora inaugurada, parte do 2º cerco destruído e a malha urbana desenvolvida para fora do 2º cerco. Seguindo diretrizes de um estudo com o título: urbanização de Extremoz. do qual não se sabe o autor.(Ficha cartográfica nº 14).

A representação em perspetiva tem como intenção dar importância aos edifícios mais emblemáticos da cidade de Estremoz, tornando assim fácil a leitura da carta¹¹.

A carta representa ainda o poço do rossio¹², hoje fonte do Sátiro. E a ermida do s Santo Cristo também é representada, apenas com uma cruz.¹³

Foram muitos os Reis que viveram na cidade de Estremoz. E não menos importantes os factos históricos que a vila assistiu¹⁴. Foi no convento de S. Francisco em 1834, que faleceu D. Pedro I. Que doou o seu coração pelo carinho com que fora tratado durante a sua doença.

¹¹ É a primeira vez na cartografia analisada que se faz referencia à pena de morte. É representada com um homem na forca, fora da muralha. A pena de morte foi abolida em 1867 para crimes civis, exceto por traição durante a guerra.

¹² É a única planta que identifica a nascente como algo importante para a compreensão da carta e questões hídricas.

¹³ Nenhuma carta até ao séc XIX representa as jazidas de mármore. Só o eng Barata da Rocha, no ano de 1961, representa as zonas de extração deste mineral.

¹⁴ Exemplo: el-Rei D. Manuel I encarregou Vasco da Gama, que residia em Estremoz, a comandar a armada que descobriu o caminho marítimo para a Índia.

Ainda no século XIX é realizado, com o título “*Estudo de Urbanização de Extremoz*”¹⁵¹⁶, é o primeiro carta catalogado no presente trabalho, que representa o 2º cerco destruído, já que não fazia sentido a sua existência. Já que as técnicas de guerra evoluíram. Parte do 2º cerco fora erguido sobre terreno plano, tornando-se um limite indesejado à expansão da rede viária, jardins, percursos pedonais e à chegada da linha férrea¹⁷. Impondo-se como limite físico ao crescimento da cidade. Este estudo apresenta-nos novas avenidas com dois sentidos de trânsito e separadores ao centro. Visionando um grandioso futuro para a “villa”¹⁸. As linhas diretrizes deste estudo, são hoje parte da cidade como a conhecemos. Pela rede viária e bairros redesenhados. O estudo pretendia uma cidade infinita com passagens pedonais entre as habitações ladeadas de jardins, o que na realidade não aconteceu. Os bairros foram fechados e divididos em parcelas. Assim a cidade é constituída por duas zonas distintas: A vila velha, junto ao castelo e a vila moderna, na zona baixa. Sendo esta constituída por

¹⁵ Ficha cartográfica nº 14. A carta está assinado, mas é ilegível.

¹⁶ ” forte ritmo de crescimento das cidades de Lisboa e Porto no decurso do século XIX esta na origem da decisão de obrigar aqueles dois Municípios ao planeamento da sua transformação. Um diploma de 1865 cria a figura do Plano Geral de Melhoramentos, que vigorara até 1934 (Anexo I). Durante este período são desenvolvidos variados estudos para Lisboa e Porto, assim como para alguns outros pequenos aglomerados do país.” Lobo, 1993 p. 13

¹⁷ A linha férrea não está representada, apenas os acesos e estação.

¹⁸ Estremoz passou a cidade no ano de 1926.

amplas ruas, avenidas e praças¹⁹. Na carta com o título “*Planta da Villa d’Estremoz*”²⁰, é representada a porta de Reguengos, a qual não foi ornamentada ao contrário das restantes.

O traçado urbano é representado por dois tipos de edifício, civil e religioso, bem como o rigor da divisão de propriedades. Atrás da atual câmara municipal (Convento dos Congregados) é traçado uma malha hipodâmica, provavelmente um estudo para habitação. A rede viária é representada de forma a destacar-se do espaço público. A praça Luís de Camões aparece em tons de verde, possivelmente um esboço de um jardim para a praça.

A representação da carta acima referido, tem uma particularidade que até agora, as outras cartas históricos não apresentavam, foi realizado o primeiro registo gráfico de árvores tanto na Praça Marquês de Pombal, Convento São Francisco e na Igreja de Santo André, possivelmente para referenciar a importância destes locais.

A rede hídrica é representada muito simplificada com o lago do Gadanha, chafariz e fonte do espírito santo. É representado também o atravessamento das águas pelas hortas, seguindo para fora do 2º cerco.

¹⁹ A primeira zona ainda conserva parte do seu carácter medieval, ruas estreitas ladeadas de casinhas, com traça de tempos passados. É de notar que o bairro de Santiago é medieval planeado. Pois a sua malha é hipodâmica regular, com um eixo principal, rua direita. O cerco do bairro de Santiago, considerado anexo ao primeiro cerco, bairro do Castelo, foi mandado construir por D. Afonso VI, na sequência da guerra da restauração.

²⁰ Ficha cartográfica nº 12

Já no século XX, Chega-nos, realizado pelo Engenheiro Barata da Rocha o Ante-Plano para a cidade de Estremoz²¹. Realizando então um estudo primário da cidade. Apresentando numa segunda parte as soluções para a mesma. Fez assim um retrato clínico à cidade, com inquéritos, notas históricas, faz referência ao Dr. Marques Crespo, “*Estremoz e o seu termo regional*”, já citado neste trabalho.

O Engenheiro Barata da Rocha, apresenta-nos informações topográficas, geológicas²²e agrológicas²³. Estuda o clima e as funções dominantes na cidade. Sendo elas de carácter administrativo, industrial e comercial, esta ultima resulta, pela situação geográfica, rodoviária e ferroviária da cidade. O Eng. Barata da Rocha conclui que, a presença na cidade do regimento de cavalaria 3 “É no entanto, sensível e sê-lo-á ainda no futuro próximo, não só pela ocupação urbana considerável, como pelas influências de toda a natureza que a presença dos militares e suas famílias provocam na vida da cidade.” Pág 21 das soluções. Relativamente aos arruamentos refere que “O traçado geral dos arruamentos da cidade foi muito influenciado pelas obras militares que, ao longo dos séculos, condicionaram o desenvolvimento de Estremoz”. Pág 36 das soluções.

O plano de urbanização de Estremoz de 1961, propõe um traçado urbano, que não foi executado. A cidade não se desenvolveu neste sentido. Talvez por questões políticas ou de outro carácter. Apenas a zona de Mendeiros, está urbanizada, mas não da maneira que o Eng.

²¹ Ficha cartográfica nº 17

²² De todos os mapas é a primeira a representar os jazigos de mármore na periferia da cidade.

²³ Os principais produtos agrícolas da região são: trigo, azeite, cevada, fava, cortiça, batata, milho, vinho, feijão e grão de bico.

Barata da rocha propôs. É curioso que neste plano, a proposta para o rossio Marquês de Pombal, o Engenheiro Barata da Rocha propõe controlar o grande vazio urbano, regularizando o rossio com uma forma geométrica regular, ladeada de árvores e um anfiteatro perto da igreja de São Francisco. Atualmente permanece um vazio urbano, que é a grande receção da cidade é o rossio Marquês de Pombal, antiga praça do forte do reino, ali se formava a armada militar. Hoje detém funções mercantis e administrativas, é também onde se realizam as festas da cidade no mês de Setembro. Estremoz é hoje sede do conselho de nove freguesias: ameixial, Arcos; Estremoz (Santa Maria e Santo André); Évora monte; Glória; São Bento do Cortiço; São Domingos de Ana Loura; São Loureço de Mamporção e Veiros.

CAPÍTULO III

Análise morfológica da cidade de Estremoz



Legenda:

-Ortofotomapa da cidade de Estremoz 2016



Perimetro urbano da cidade



Análise evolutiva dos centros urbanos de Estremoz

Imagem 1

O nascimento e desenvolvimento da vila de Estremoz, até ao século XVI, fez-se em torno do castelo primitivo e das suas artérias adjacentes. Estas artérias ligavam a praça do castelo às duas portas principais da vila. A Este, localizava-se a porta da Frandina e a Noroeste, a porta de Santarém. Outras artérias secundárias compunham o núcleo central da vila, ligadas através das arteriais principais e do largo do castelo, que constituía o centro administrativo. Este centro, era composto por edifícios religiosos, como a igreja de Santa Maria, que remota ao século XIII, data do foral de Estremoz. Outro edifício era a sala de audiências, mandado construir por D. Dinis, que remonta ao século XIV. A cadeia comarcã, edifício com características manuelinas, data do princípio do século XVI, do ano 1520. Já o Pelourinho, pertence ao século XV/XVI, encontra-se desde 1916 no largo Luís de Camões. Não se sabe porém o seu lugar de origem na cidadela, devia ser perto do castelo ou da sala de audiências .

Fora do 1º cerco, estava localizado o convento de São Francisco. Um equipamento religioso, autónomo, mas complementar à vila.

Na segunda metade do século XIII, surge o bairro de São Tiago, anexo ao 1º cerco. Uma zona residencial, com um eixo central (rua direita), que termina na igreja de São Tiago. Na perpendicular à rua direita, existia outro eixo importante, que terminara na porta de Évora.

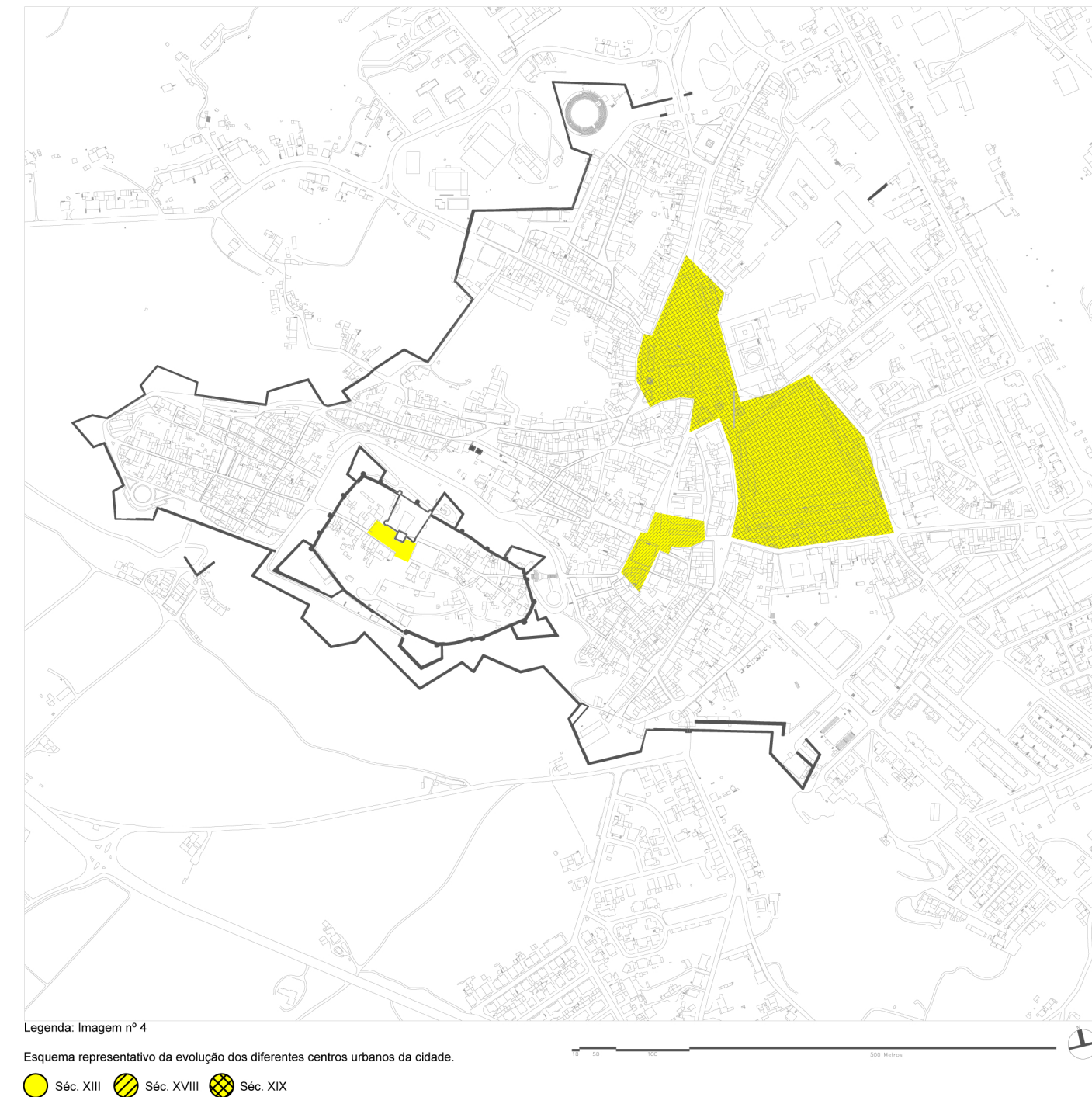
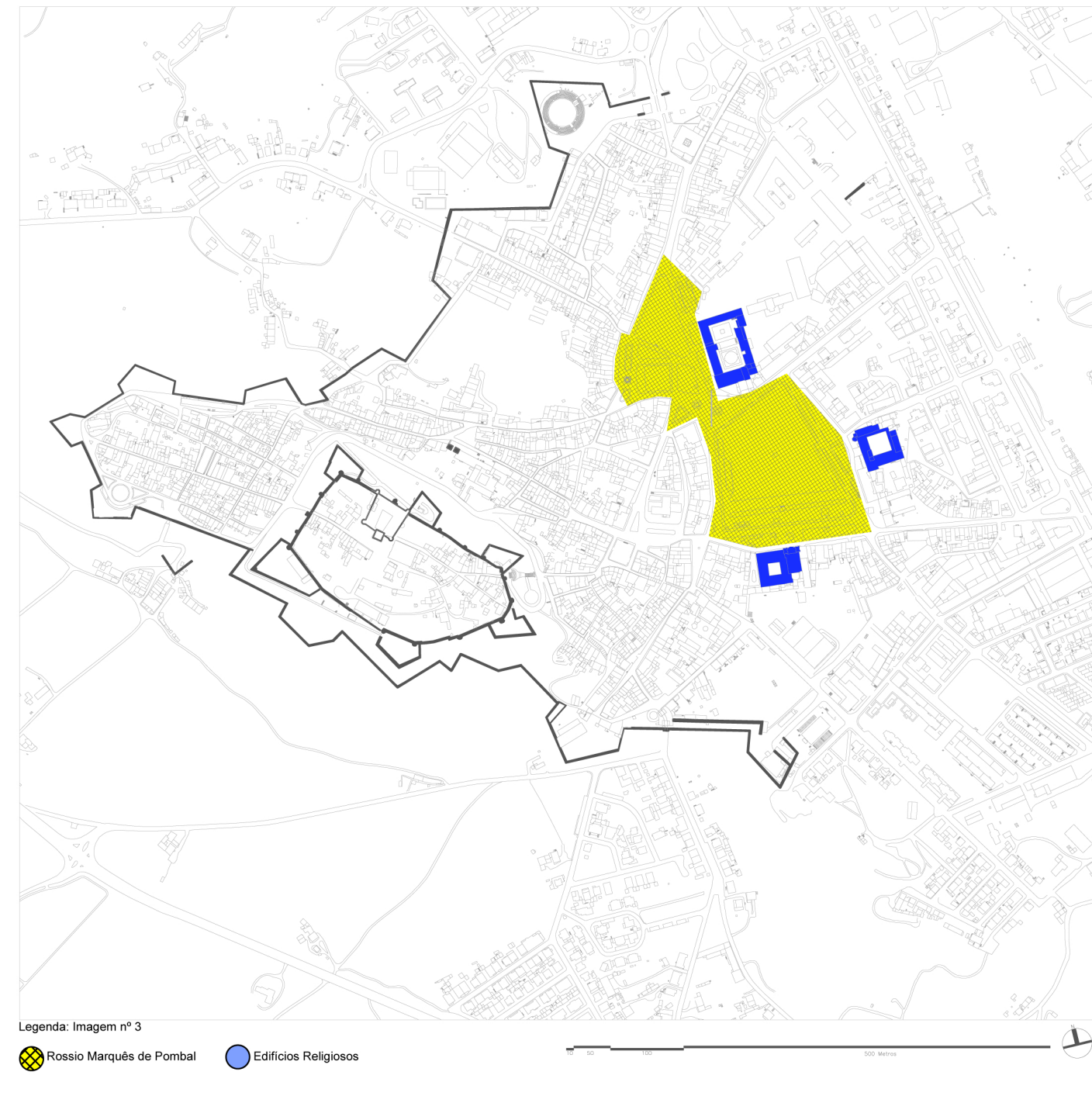
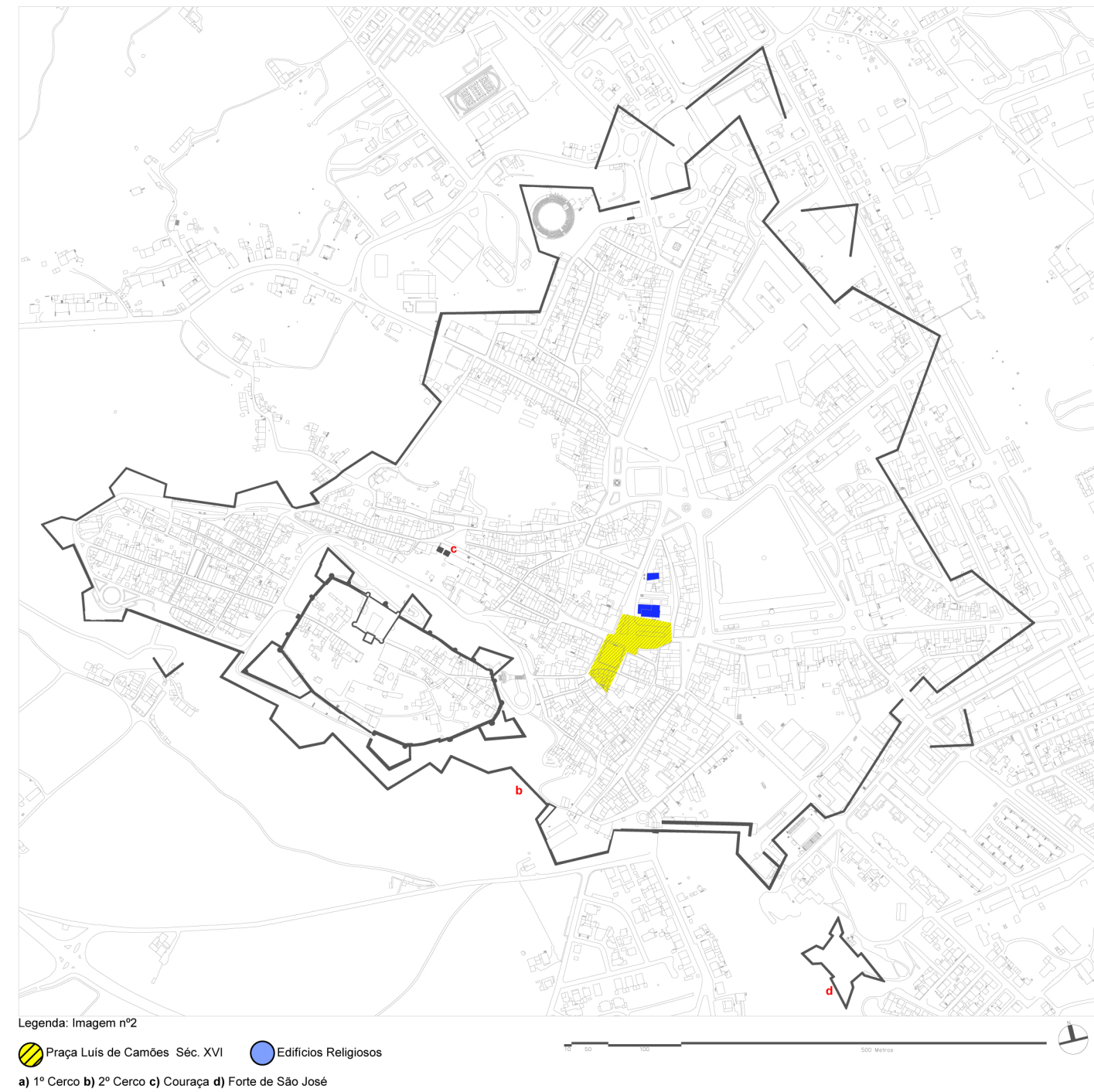
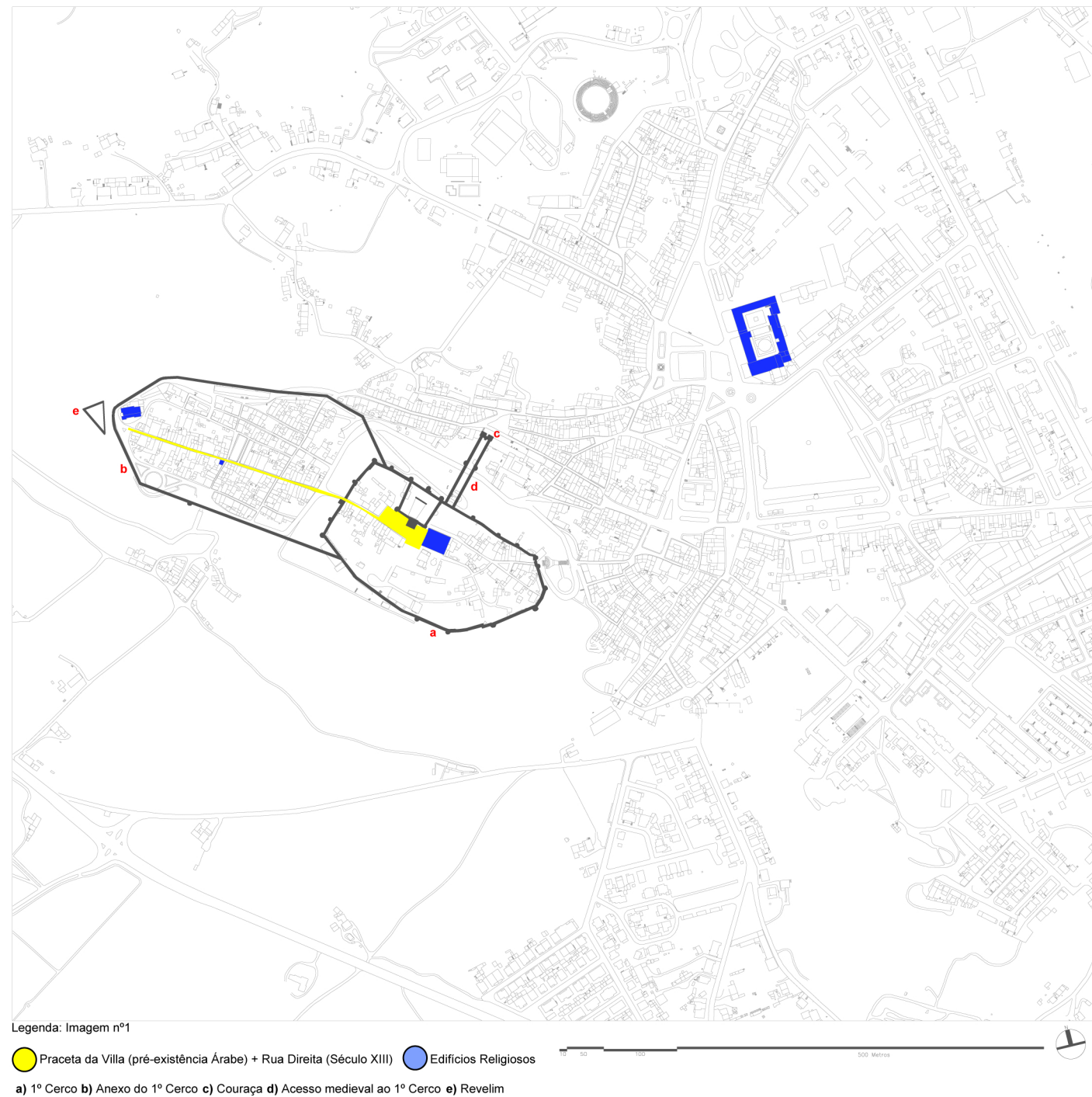
Imagem 2

Com a expansão urbana, no século XV, surgem novos bairros, ultrapassando os limites do 1º cerco e do anexo. Surge então o bairro do Espírito Santo, junto às torres da couraça e o

bairro dos Palhais, a norte. A vila começa a desenvolver-se para a zona baixa, junto à praça Luís de Camões. Surgiram novos equipamentos religiosos, como por exemplo a igreja de São Miguel e a igreja de Santo André, demolida no século XX, pelo seu estado de degradação, tendo dado origem ao tribunal da cidade. A praça Luís de Camões passou a ser o centro administrativo da vila e local de feiras. É também nesta praça colocado o Pelourinho, que estava no 1º cerco. O acesso ao 1º cerco era feito pela rua da Frandina, com entrada pela porta com o mesmo nome, e por uma rua junto ao largo do Espírito Santo, circundante às couraças. Parte do bairro do Espírito Santo foi destruído, em conjunto com o acesso pelas couraças ao 1º cerco, por questões de segurança, aliado à construção do 2º cerco, aumentando o perímetro urbano da vila. Em 1688 é construído o grande lago, junto ao convento de São Francisco. O traçado urbano nesta zona da vila, tem como centro a praça de armas, hoje rossio Marquês de Pombal. Sendo esta área delimitada pelo convento de São Francisco, convento das Maltesas e pelo convento dos Congregados, construído em 1698. Existiam duas vias neste local, com acesso às três portas da vila. Em direção a Portalegre, a porta de Santa Catarina, em direção a Elvas a Porta de Santo António e em direção a Lisboa ou Évora, a porta dos Currais.

Imagem 3

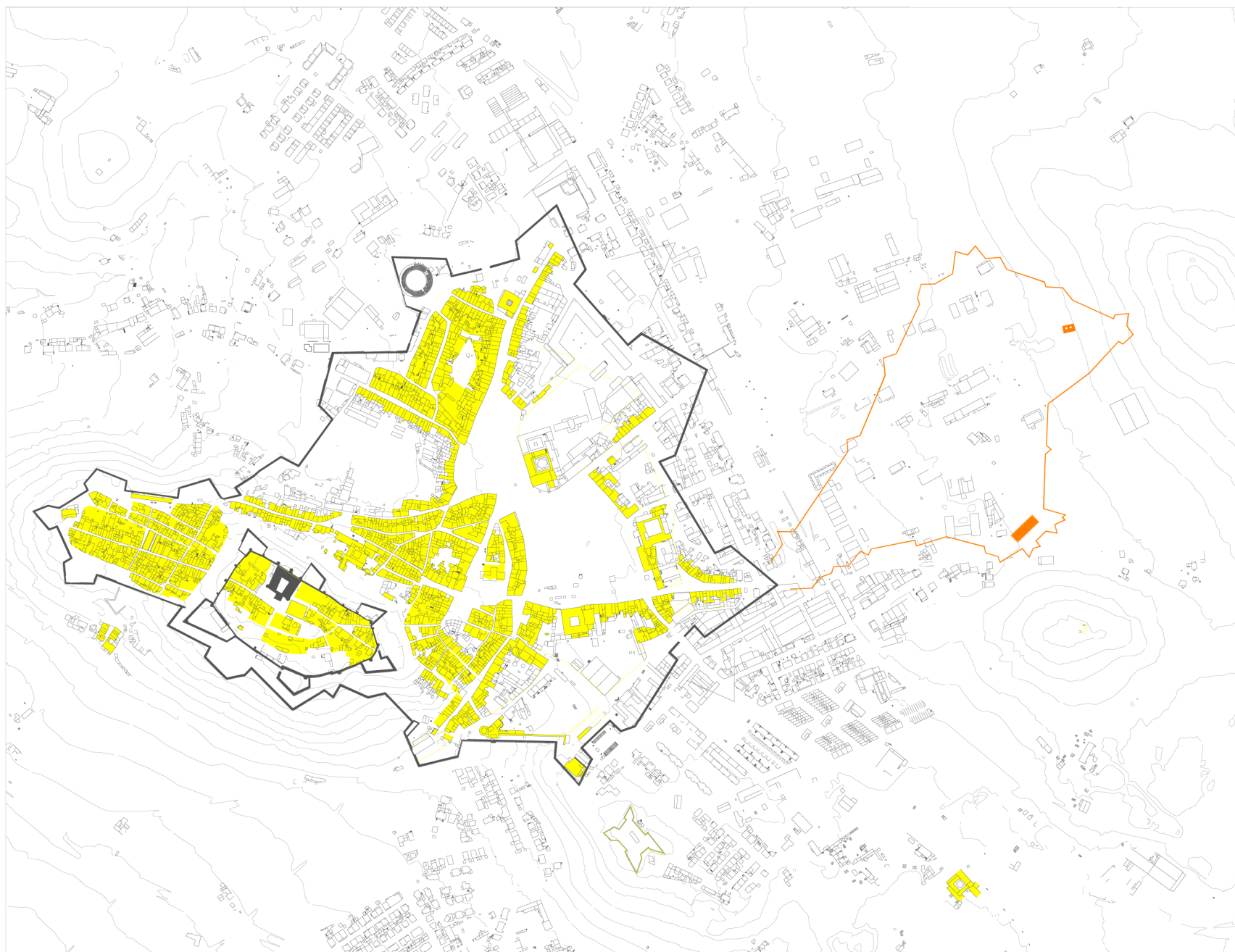
Na segunda metade do século XIX, as funções administrativas da praça Luís de Camões, foram transferidas para o rossio Mârques de Pombal. Onde todos os edifícios públicos se implantaram, servindo de zona de feira e mercados.



Propostas para a cidade de Estremoz

A imagem nº 5, ilustra a ficha cartográfica nº 13 em anexo.

Datado de 1891, do autor Roger de Gaignières, apresenta um 3º cerco a este da cidade. Graficamente representa os edifícios principais da cidade em perspectiva, conjuntamente com dois equipamentos, que nada se sabe. Possivelmente com a evolução das técnicas de guerra, a sua construção não foi executada. Nada se sabe sobre esta possível extensão à cidade de Estremoz.



Legenda: Imagem 5 (Ficha cartográfica nº 13)

- Pré-existência séc XVIII
- Proposta para o 3º cerco defensivo



A imagem nº 6, ilustra a ficha cartográfica nº 14 em anexo

Com o título, Urbanização de Estremoz = Estudo. É possível ver a assinatura do autor no mapa, mas é ilegível. A proposta pretende solidar a malha urbana até à linha de férrea a oeste. Parte da muralha foi destruída para a construção da estação e futuro planeamento na zona baixa da vila. A intenção desta proposta, torna para vila de Estremoz com ruas de perspectiva infinita, parecendo nunca ter fim. Parte das diretrizes desta carta, fazem parte da cidade até hoje. Como o eixo da avenida nova, junto à estação e suas ruas perpendiculares, ligando a praça Marquês de Pombal à avenida nova, surgindo novos bairros a oeste da vila de Estremoz.



Legenda: Imagem nº 6 (Ficha cartográfica nº 14)

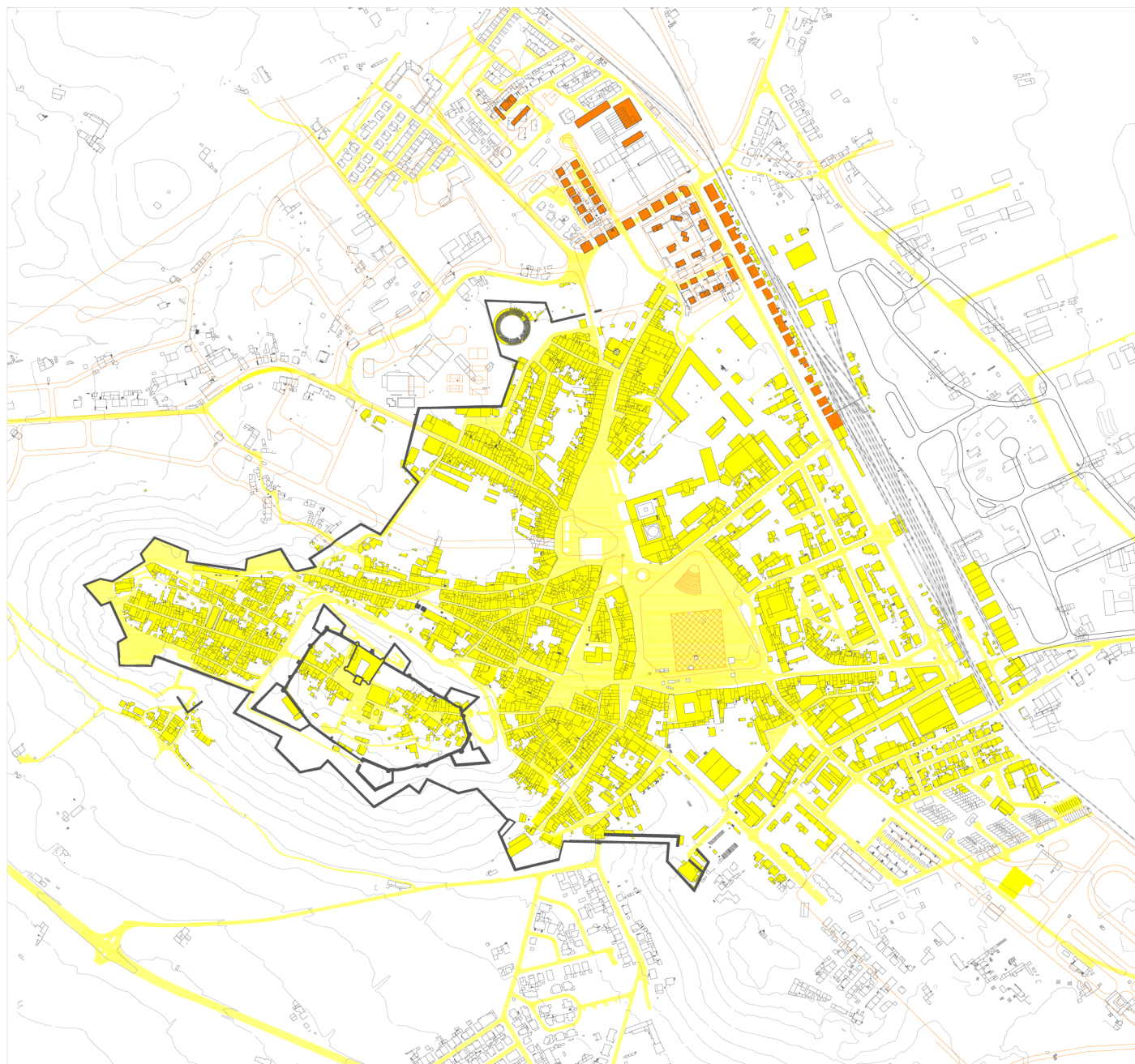
-  Pré-existência séc IXX  Proposta de urbanização

0 50 100 200 Metros



A imagem nº 7, ilustra a ficha cartográfica nº 17 em anexo

Com o título, “*Anteplano de urbanização de Estremoz*”, do autor Engenheiro Barata da Rocha. No ano de 1961, depois de uma análise à cidade de Estremoz, com inquéritos e levantamentos das diferentes áreas que ocupam a cidade de Estremoz. Surge a proposta urbana, que se adapta ao eixo principal (avenida nova), uma extensão da cidade a sudoeste e noroeste. Esta proposta não foi executada. Ficando apenas a proposta de como podia ser a cidade nos dias de hoje.



Legenda: Imagem nº 7 (Ficha cartográfica nº 17)

● Pré-existência séc XX ● Proposta para antepiano de urbanização - 1961

10 50 100 500 Metros

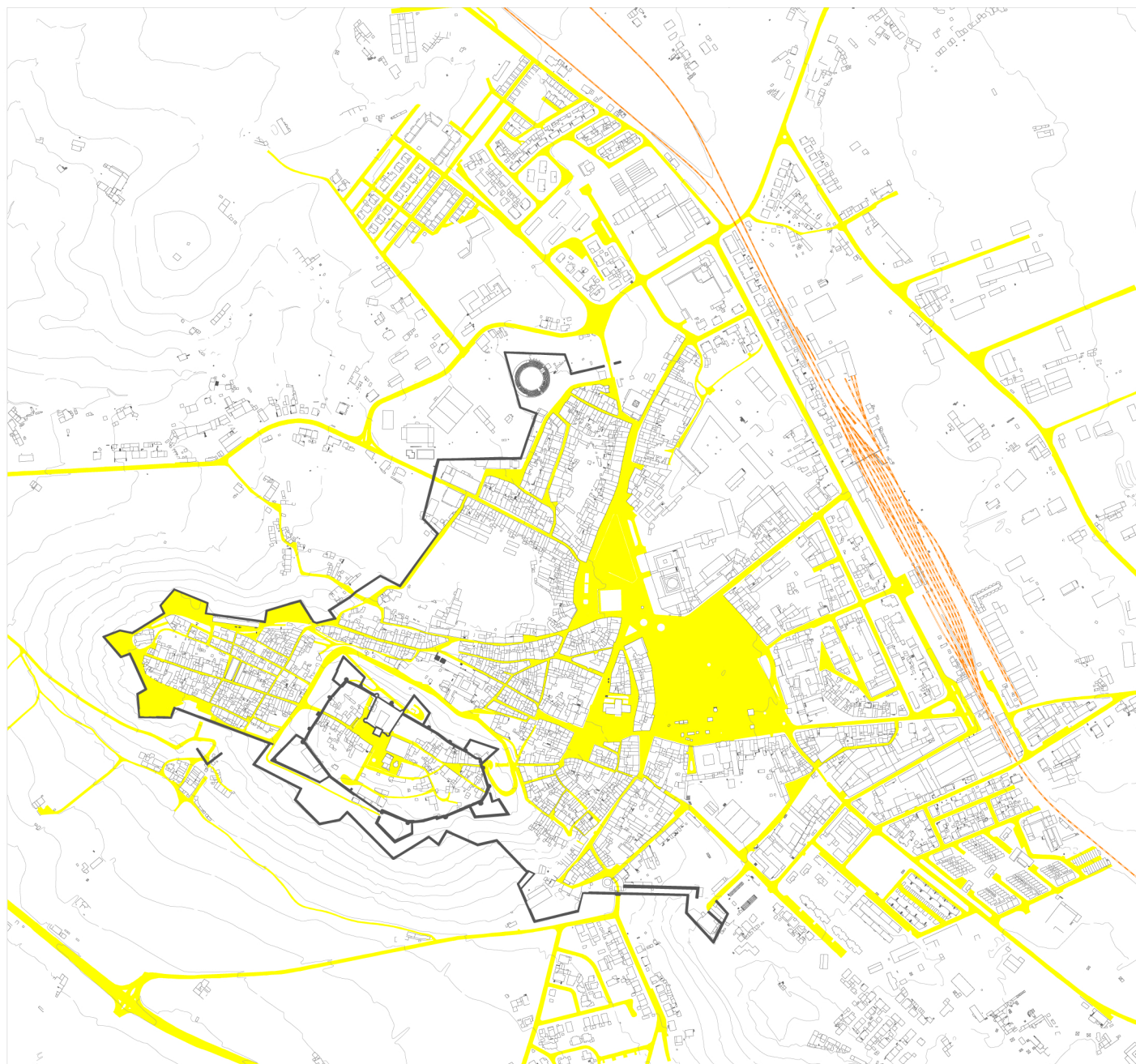


Proposta para a linha férrea

▼ Em 1905 foi inaugurada a estação ferroviária de Estremoz. Pertencente à ferrovia da linha de Évora com ramal de Vila Viçosa e Portalegre.

Em 1990, deixou de prestar serviços de passageiros, ficando o ramal apenas com serviço de mercadorias.

Em 2014, com a linha inativa, surgiu uma proposta para eliminar definitivamente o troço que passa junto à cidade de Estremoz. Já que segregava a ligação entre o centro da cidade e a zona industrial. Esta nova reforma à cidade, troce uma avenida, paralela à avenida nova, com ruas perpendiculares que unem o centro da cidade à zona industrial de uma forma fluida. Tornado-se a cidade de Estremoz uma una.



Legenda: Imagem nº 8



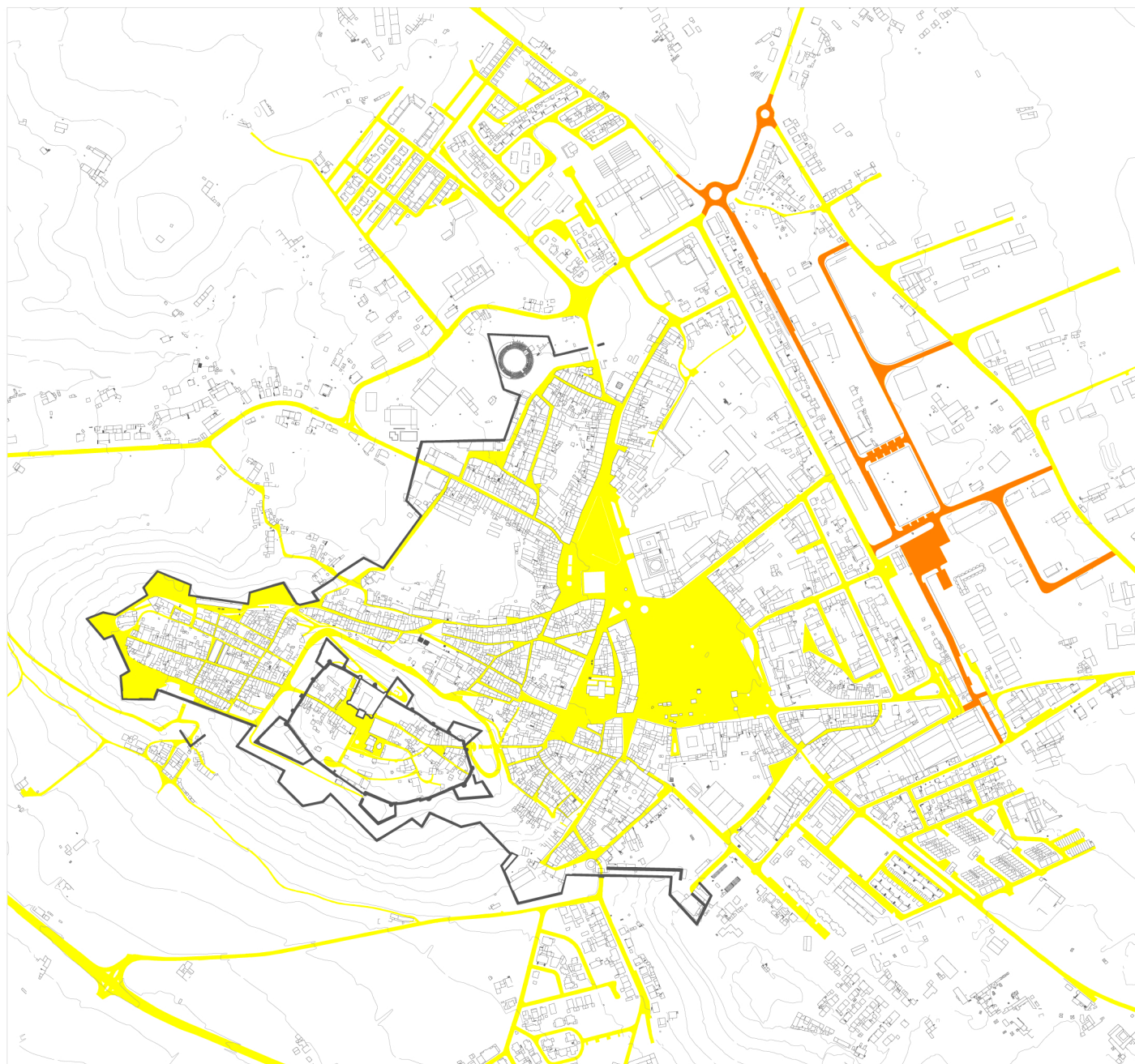
Rede Viária



Rede Ferroviária

0 50 100 200 Metros





Legenda: Imagem nº 9



Rede Viária



Proposta para unir a cidade à zona industrial

10 50 100 500 Metros



Tabela de análise evolutiva e informativa

	Data	Muralha	Praça	Linha de água	Nascente /fonte	Courea	Acesso pela Courea	Forte	Ruas	Cons. fora da Muralha	Topografia	Autor	Lago	Alternativas defensivas	Evolução urbana	Linha de Ferro	Zona industrial
Mapa 1	✓	1º cerco + anexo				✓	✓		✓			✓					
Mapa 2	✓	1º e 2º cerco	✓					✓			✓						
Mapa 3	✓	✓		✓	✓	✓	✓	✓									
Mapa 4	✓	✓		✓	✓	✓	✓	✓				✓					
Mapa 5	✓	✓		✓	✓	✓	✓	✓			✓	✓					
Mapa 6	✓	✓	✓			✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓				
Mapa 7	✓	✓	✓			✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓				
Mapa 8	✓	✓	✓			✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓				
Mapa 9		✓	✓			✓		✓	✓		✓	✓	✓				
Mapa 10	✓	1º cerco + anexo				✓	✓		✓	✓	✓	✓		✓			
Mapa 11	✓	✓	✓	✓	✓	✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓				
Mapa 12	✓	✓	✓	✓		✓			✓			✓	✓				
Mapa 13	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓		✓	✓		✓	✓	3º cerco, não construído			
Mapa 14		destruída	✓			✓		✓	✓				✓		✓		
Mapa 15	✓	✓	✓						✓				✓		✓		
Mapa 16	✓	parte da muralha	✓			✓		✓	✓	✓	✓		✓		✓	✓	
Mapa 17	✓	parte da muralha	✓			✓		✓	✓	✓		✓	✓		✓	✓	
Mapa 18	✓	✓	✓			✓				✓	✓	✓	✓		✓	✓	✓

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais objetivos desta dissertação foi compreender a evolução da forma urbana da cidade de Estremoz, desde o seu período de fundação até aos dias de hoje. Para isso realizou-se uma análise exaustiva à cartografia existente sobre Estremoz. Procedeu-se à sua catalogação, identificação e tratamento das várias cartas da cidade de Estremoz.

O tratamento gráfica explorado nesta dissertação apoia-se na sobreposição dos vários elementos cartográficos analisados para uma melhor compreensão da evolução da cidade de Estremoz. Da análise realizada foi possível aferir as seguintes situações:

A data de fundação da cidade de Estremoz é incerta e não se regista na cartografia.. Apenas existe a data do foral de 1258.

A conclusão do 1º cerco da cidade, ocorreu durante o reinado de D. Afonso III.

Durante o século XVII, teve início a construção do 2º cerco, juntamente com as obras no 1º cerco, junto ao castelo, quando se construíram os baluartes, numa primeira fase. A construção do 2º cerco, ocorreu na zona baixa da vila.

A posição geo-estratégica é de grande valor para a cidade. Localizada numa via romana (Lisboa-Mérida), Estremoz destacou-se pela sua posição no território, tendo um papel de relevo na Guerra da Restauração.

No século XVII, o 1º cerco foi reconstruído com baluartes. O 2º Cerco era constituído por 11 baluartes, existindo hoje apenas 7 baluartes. A cidade de Estremoz no conjunto dos dois cercos tinha 6 portas, com revelins que protegiam as entradas na cidade e um forte, hoje em ruínas, com o nome de São José.

Parte do 2º cerco foi destruído no início do século XX, para dar acesso à estação, junto à linha férrea.

Vários planos foram propostos para a cidade de Estremoz, embora não tivessem sido aplicados. Nomeadamente os planos identificados das fichas cartográficas nº 10, 13, 14 e 17.

De um ponto de vista histórico, sem a análise da cartografia seria impossível compreender os vários cercos na sua totalidade, uma lacuna que se tentou corrigir neste trabalho sobre a cidade de Estremoz, tendo para isso sido essencial a análise cartográfica.

O tecido urbano intra - muralhas, manteve-se consolidado até aos dias hoje, assim como os eixos viários. A linha férrea, manteve o crescimento do tecido urbano segregado. Com a desativação da mesma e a construção de uma avenida. A cidade de Estremoz passou a ter uma nova dinâmica, relacionando as ruas do centro da cidade com a nova avenida e com a zona industrial.

O forte de São José e a ermida de São Lázaro, são no presente apenas ruínas. Assim como parte do 2º cerco e seus revelins. Empobrecendo a cidade de Estremoz.

Os mapas analisados vectorialmente e sobrepostos no sentido de se analisar a sua evolução urbana. Paralelamente, foram analisados em função dos diversos elementos destacados. Assim, podemos indicar que:

a) Relativamente às muralhas, todos os mapas indicam as suas estruturas e presenças na cidade. O(s) cerco(s) estão sempre presentes.

b) Relativamente à praça de armas apenas as fichas cartográficas nº 1,2,3,4,5 e 10 não as indicam.

c) Relativamente às linhas de água, nascentes e fontes regista-se que menos de metade dos mapas identificados fazem referência a estes elementos.

d) Relativamente a construções fora dos cercos, apenas as fichas cartográficas nº 1, 2, 3, 4, 5, 9, 12, 14 e 15 não as registam.

e) Relativamente ao Lago da cidade, é representado na maioria dos mapas. Apenas as fichas cartográficas nº 1, 2, 3, 4 e 5 não o identificam.

f) Relativamente à linha férrea, esta é apenas representada nas fichas cartográficas nº 14, 15, 16, 17, 18.

Finalmente, percebemos da análise da cartografia, que ao longo da história de Estremoz foram sendo evidenciados distintos elementos urbanos e de estrutura natural do território.

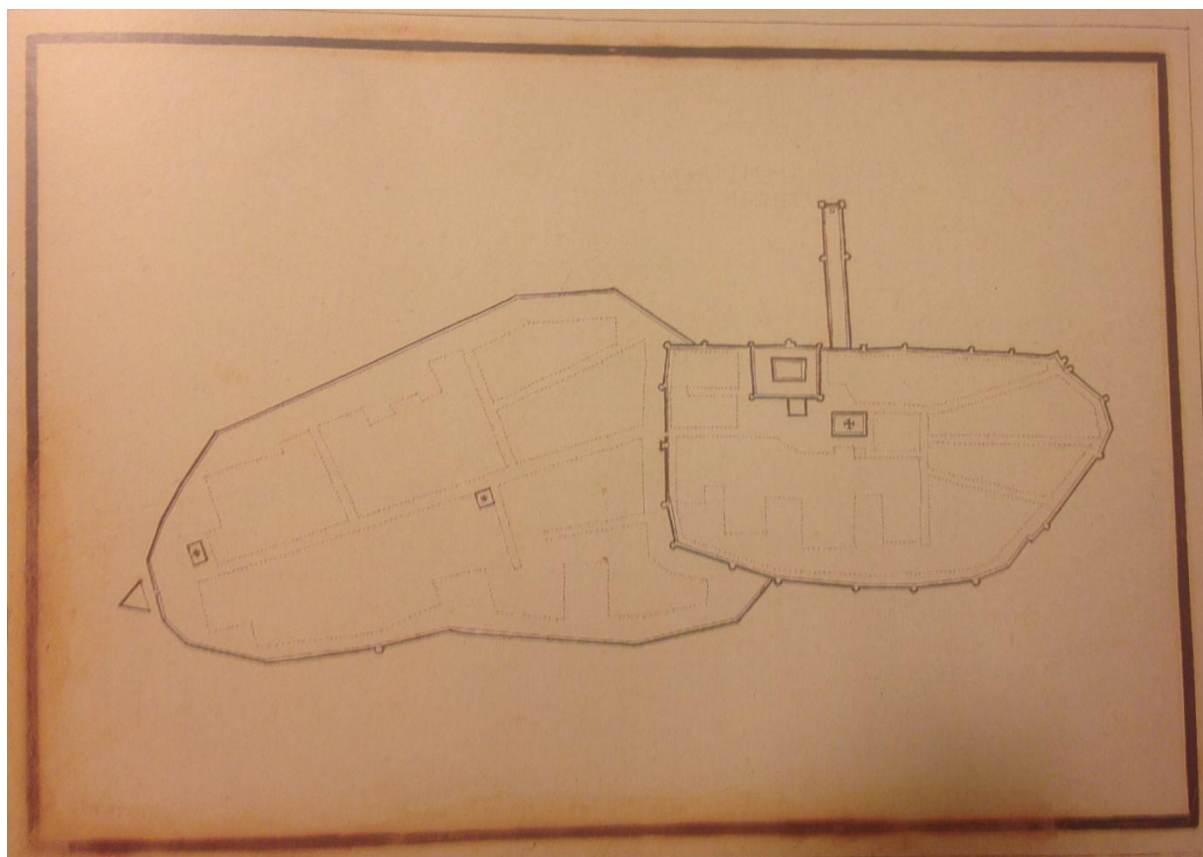
A cidade de Estremoz, encontra-se com a sua malha urbana consolidada. Sem hipótese de crescer. A Sudoeste com a exploração dos mármore. A Este pela zona industrial e quintas e a Norte e Noroeste por questões agro-económicas (vinha, olival e montado).

O futuro da cidade de Estremoz passa por revitalizar o centro histórico, que é constituído por um tecido urbano de relevante valor histórico. Que no momento se encontra em processo acelerado de degradação. Sendo necessário encontrar soluções que não descaracterizem a região.

Anexos A

Fichas cartográficas

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 1



TÍTULO DA CARTA: n/a

AUTOR(ES): Nicolau de Langres

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: Séc.XVII (desenhada)

DESCRIÇÃO FÍSICA: n/a

NOTAS: digitalizado de TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA, Margarida, O Urbanismo português: século XIII-XVIII: Portugal-Brasil, (Lisboa), Livros Horizonte, 1999.

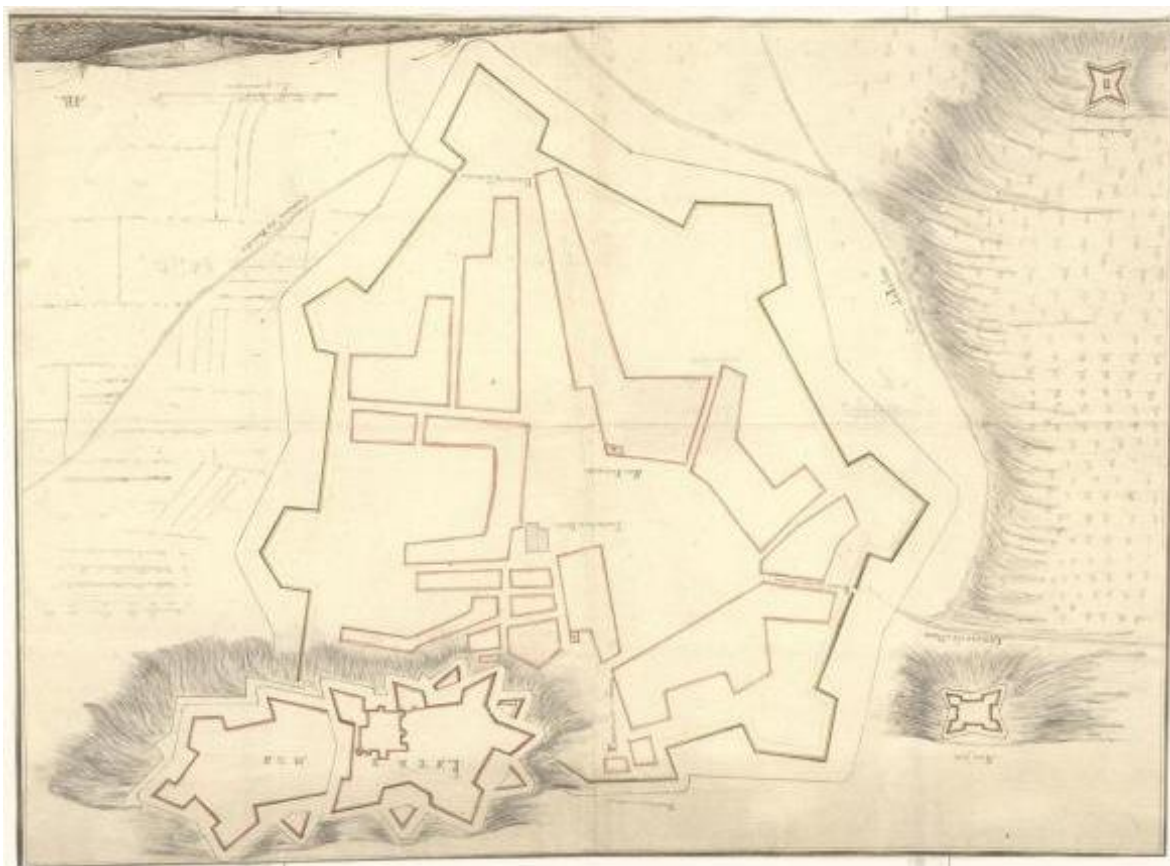
B.N.L., in Nicolau de Langres, Desenhos, Plantas de Todas as Praças do reino de Portugal Pelo Tenente General Nicolaô de Langrês Francês, Que Serviu na Guerra de

Aclamação, fl. 17, (Séc.XVII)

COTA: n/a

ARQUIVO: n/a

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 2



TÍTULO DA CARTA: n/a

AUTOR(ES): n/a

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 1658

DESCRIÇÃO FÍSICA: n/a

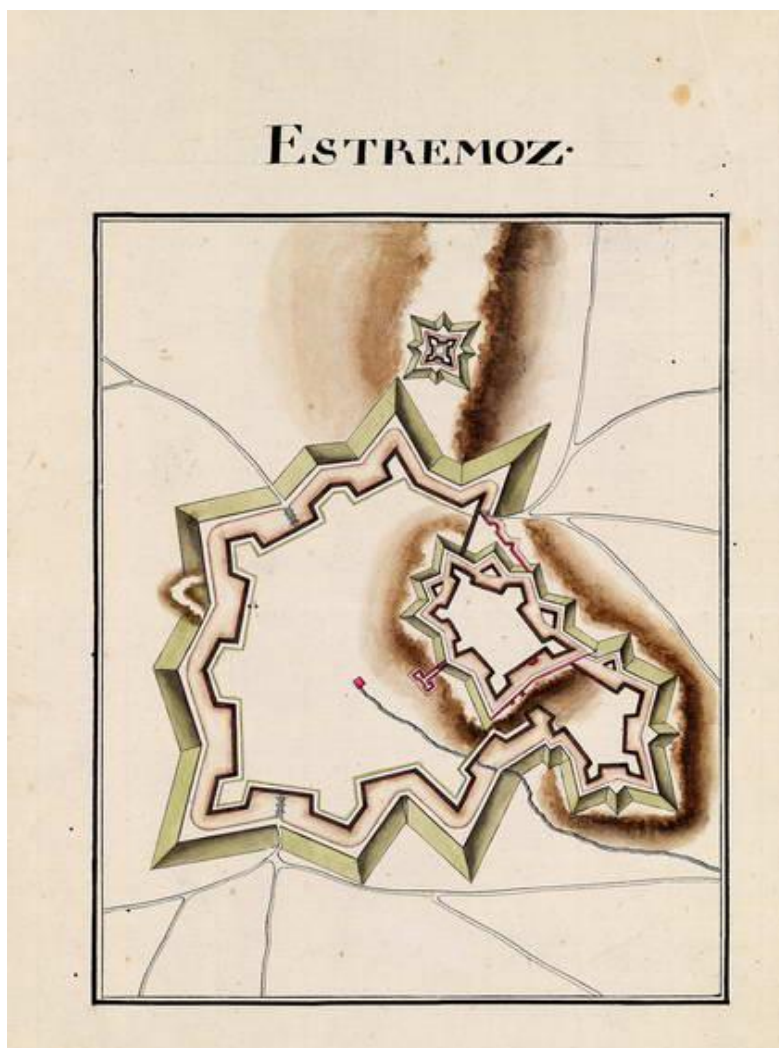
NOTAS: Material de guerra existente na praça de Estremoz em Outubro de 1658

COTA: n/a

ARQUIVO: <https://guerradarestauracao.wordpress.com/category/armas-de-fogo/>

IMAGEM: Praça de Estremoz, publicada em La memoria ausente. Cartografía de España y Portugal en el Archivo Militar de Estocolmo. Siglos XVII y XVIII.

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 3



TÍTULO DA CARTA: ESTREMÓZ

AUTOR(ES): n/a

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 1700-1900

DESCRIÇÃO FÍSICA: ms, color; 24 x 38 cm

NOTAS: n/a

COTA: 4246/I-1A-15A-21 DSE CRT/2003

ARQUIVO:

http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/01/1A-15A-21/4246_I-1A-15A-21.jpg

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 4



TÍTULO DA CARTA: Estremos : est une ville considerable de Portugal dans la province
d'Alentejo, partagée en haute et basse est fortifie...

AUTOR(ES): Diogo Barbosa Machado /ou Nicolas de Fer(cartografo)Antoine
Coquart(gravura)

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 1647-1720 (editado em 1705)

DESCRIÇÃO FÍSICA: 1 planta : gravada em metal ; 14,5 x 20,5 cm em f. 55 x 41 cm

NOTAS: Faz parte do volume factício "Mappas do Reino de Portugal e suas conquistas
collegidos por Diogo Barbosa Machado".

COTA: ARC.016,07,033aon Cartografia

ARQUIVO: Biblioteca Nacional Digital do Brasil

http://caterd.bn.br/scripts/odwp012k.dll?INDEXLIST=cartografia_pr:cartografia

ou

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53056921h>

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 5



TÍTULO DA CARTA: Plan de la ville et chateau d'Estremoz, en Portugal, dans la
province d'Alentejo, à huit lieues de Evora, 1705

AUTOR(ES): dessin / Louis Boudan

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 1705

DESCRIÇÃO FÍSICA: Plume, encre de Chine, encre rouge, lavis et aquarelle : 33,3 x
29,3 cm (f.), 29,8 x 26 (tr. c.) encre de Chine de couleur

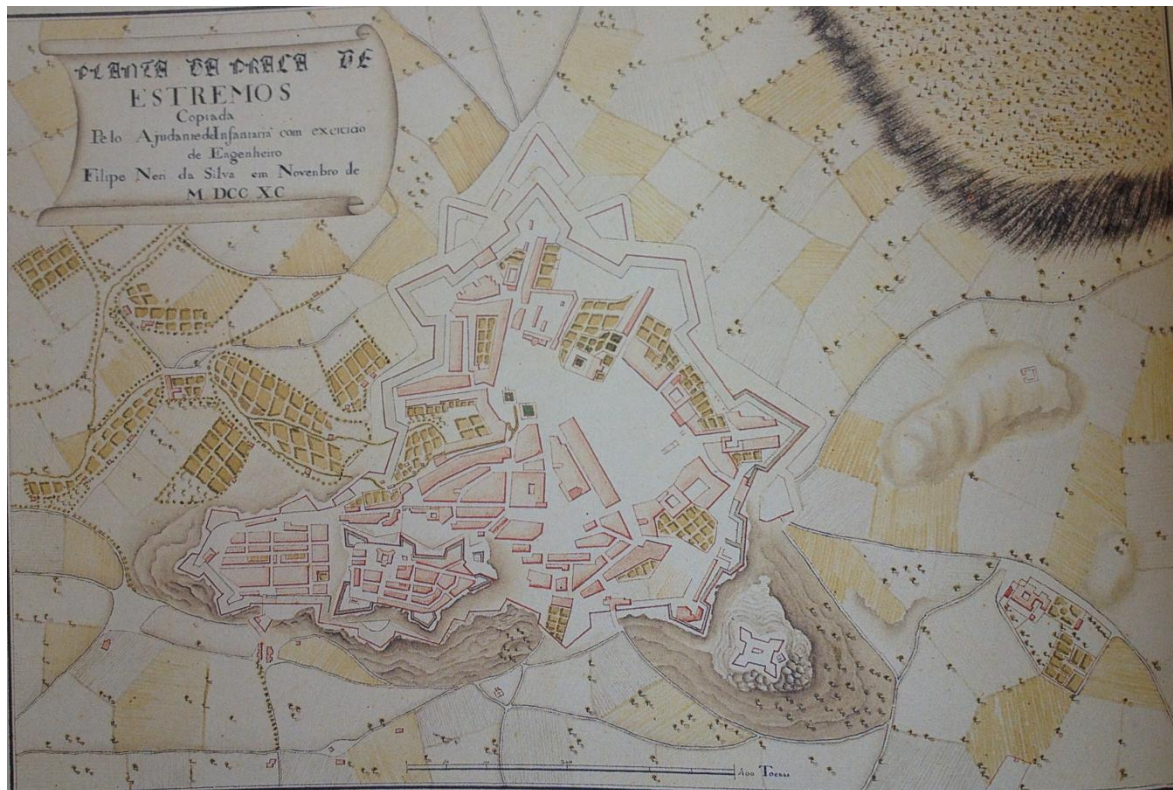
NOTAS: Technique de l'image : dessin. - aquarelle. - encre de Chine. - lavis. - encre de
Chine de couleur

Sources : "Inventaire des dessins exécutés pour Roger de Gaignières et conservés aux
départements des estampes et des manuscrits", Bouchot Henri, Paris, 1891, t. 2

COTA: n/a

ARQUIVO: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b6903663c>

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 6



TÍTULO DA CARTA: PLANTA DA PRAÇA DE ESTREMOS

AUTOR(ES): engenheiro Filipe Neri da Silva

ESCALA: n/d

DATA A QUE SE REFERE: 1790

DESCRIÇÃO FÍSICA: Gravura 52

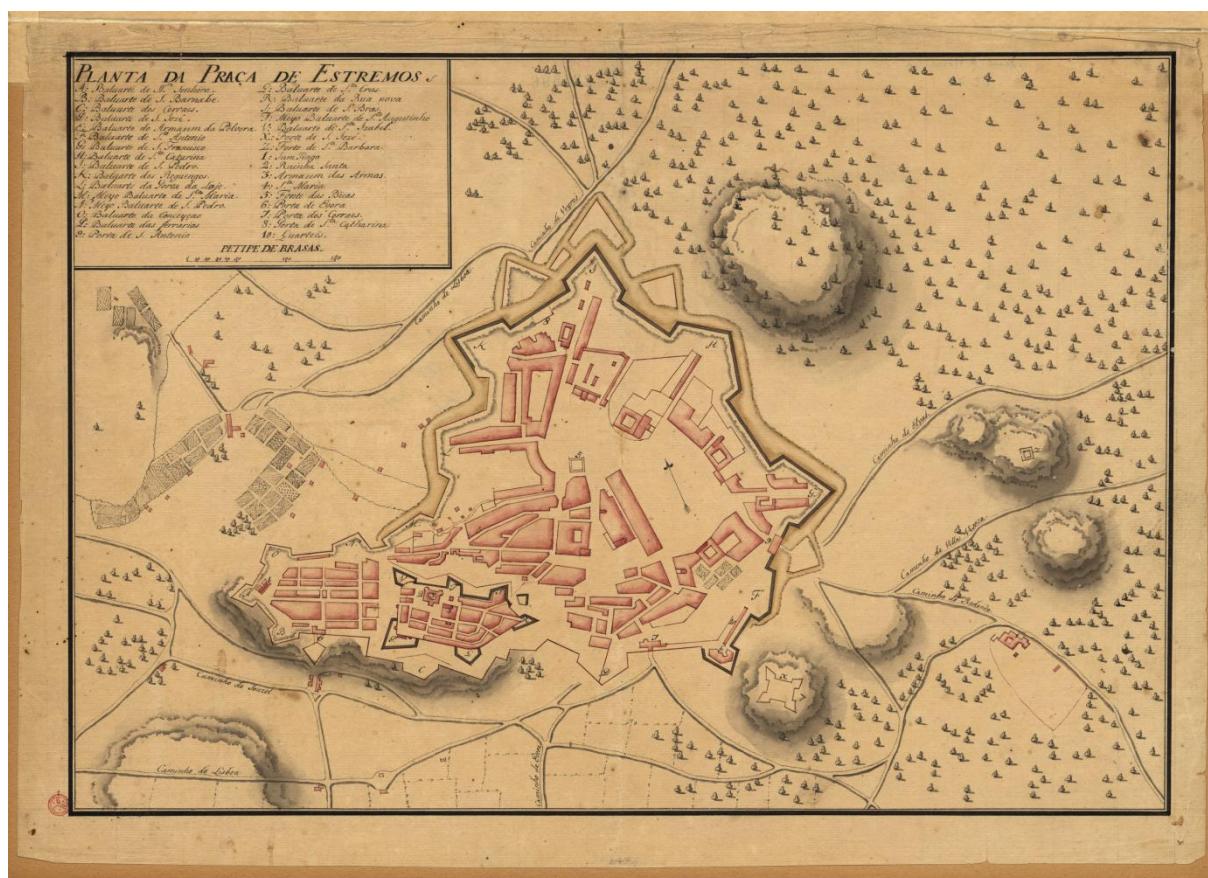
NOTAS: digitalizado de Teixeira, Manuel C.; Valla, Margarida, O Urbanismo português: século XIII-XVIII: Portugal-Brasil, (Lisboa), Livros Horizonte, 1999.

Copiada pelo Ajudante de Infantaria com exercício de engenheiro Filipe Neri da Silva em Novembro de M DCC XC, Filipe Neri da Silva, 1790, G.E.A.E.M.

COTA: n/d

ARQUIVO: n/d

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 7



TÍTULO DA CARTA: Planta da Praça de Estremos

AUTOR(ES): Petipe De Brásas

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 1800

DESCRIÇÃO FÍSICA: 1 desenho : tinta da china e aguadas ; 33,5x47 cm

NOTAS: n/a

COTA: cota D-373-V

ARQUIVO:

http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=145V9558E836T.15611&profile=bn&uri=full=3100024~!1727765~!8&ri=5&aspect=basic_search&menu=search&source=~!bnp&ip=20&staffonly=&term=estremos&index=.GW&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=5

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 8



TÍTULO DA CARTA: CARTA GERAL MILITAR E TOPOGRAFICA DA PRAÇA
DE ESTREMÔS

AUTOR(ES): Major Manoel Joaquim Brandão de Sousa

ESCALA: 1/2000 . 200 braças por 1 palmo

DATA A QUE SE REFERE: 1818

DESCRIÇÃO FÍSICA: color 96x123cm

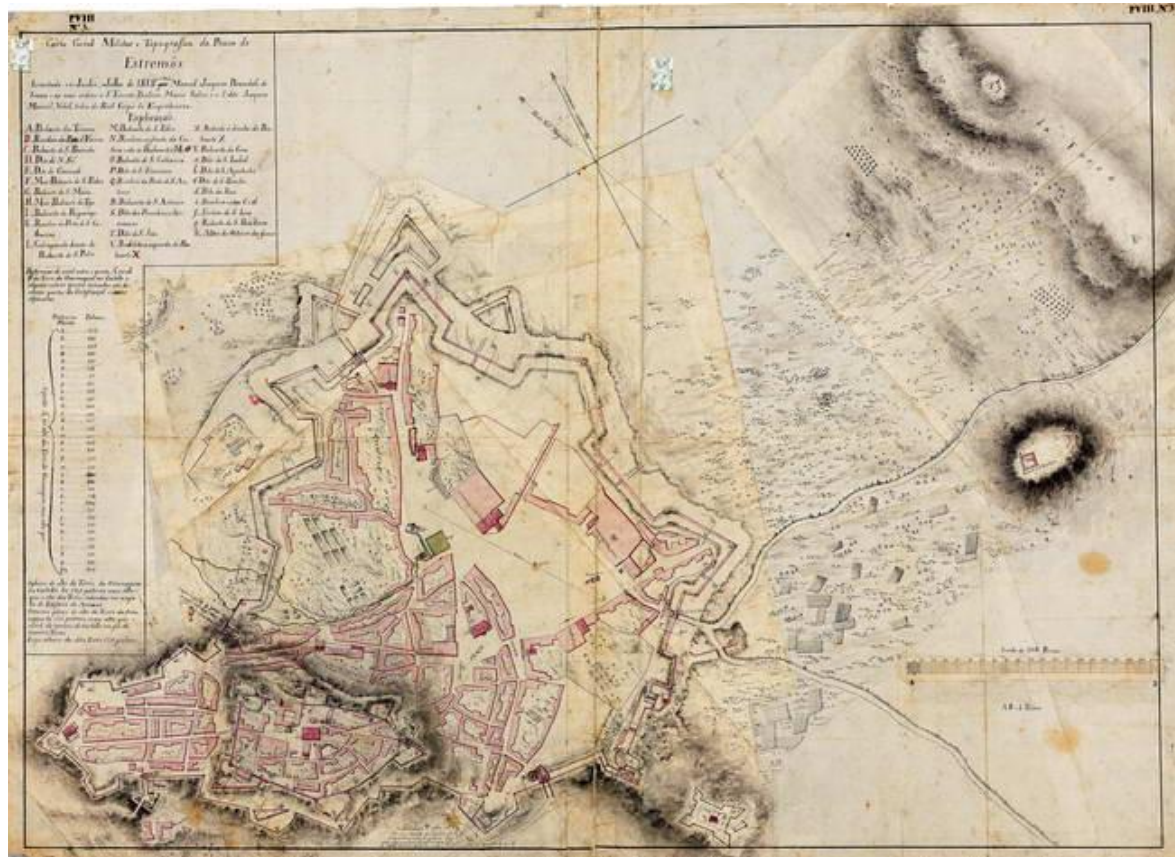
NOTAS: Digitalizado de TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA, Margarida, O Urbanismo
português: século XIII-XVIII: Portugal-Brasil, (Lisboa), Livros Horizonte, 1999.

Gravura 53, CARTA GERAL MILITAR E TOPOGRAFICA DA PRAÇA DE
ESTREMÔS Levantada pelo Major Manoel Joaquim Brandão de Sousa em Junho, e Julho de
1818 e às suas ordens o 1º Tenente Paulino Maria Salvo, e o 2º dito Joaquim Manoel Vidal
todos do R. Corpo de Engenheiros, Manoel Joaquim Brandão de Sousa, Paulino Maria Salvo,
Joaquim Moel Vidal, 1818, G.E.A.M.

COTA: AU.171

ARQUIVO: n/a

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 9



TÍTULO DA CARTA: n/a

AUTOR(ES): n/a

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: Possível 1818

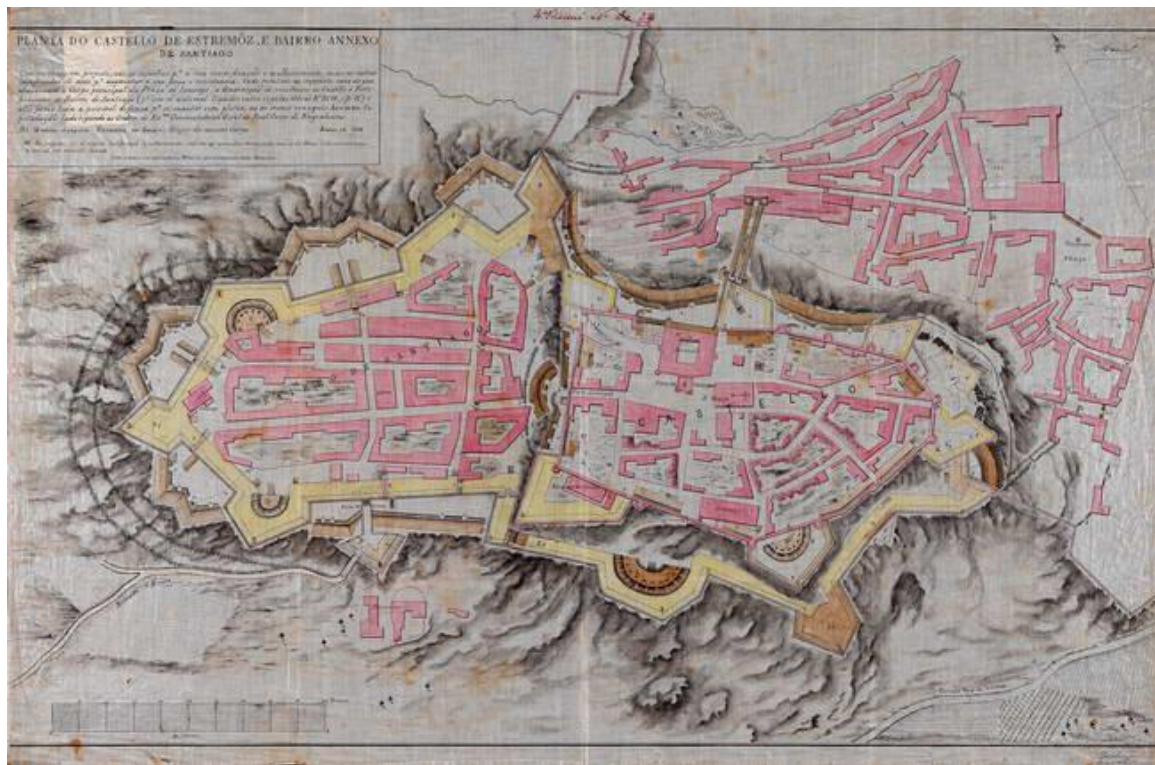
DESCRIÇÃO FÍSICA: n/a

NOTAS: n/a

COTA: n/a

ARQUIVO: n/a

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 10



TÍTULO DA CARTA: PLANTA DO CASTELO DE ESTREMÔZ E BAIRRO
ANNEXO DE SANTIAGO

AUTOR(ES): Manuel Joaquim Brandão de Sousa

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 1819

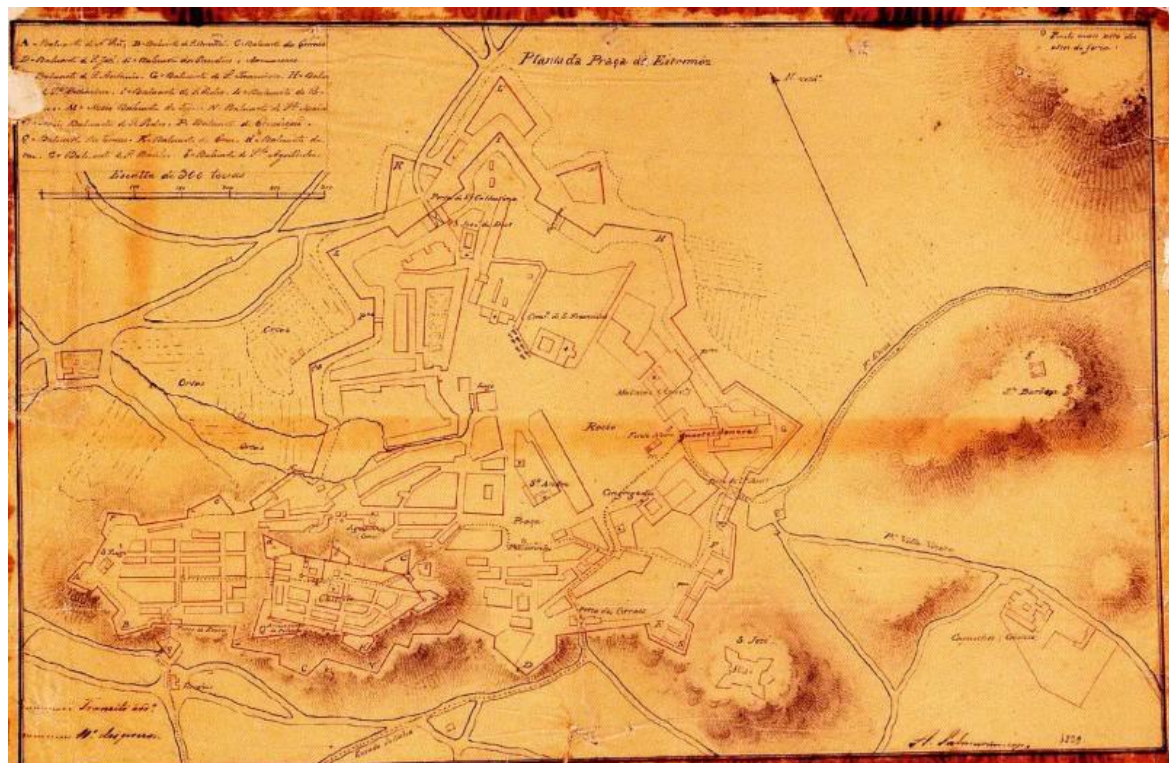
DESCRIÇÃO FÍSICA: n/a

NOTAS: Digitalizado de TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA, Margarida, O Urbanismo português: século XIII-XVIII: Portugal-Brasil, (Lisboa), Livros Horizonte, 1999.
Gravura 54. PLANTA DO CASTELO DE ESTREMÔZ E BAIRRO ANNEXO DE SANTIAGO, Com as Obras em projecto, não so aquellas p^a sua reidificação e melhoramento, mas as outras imaginadas de novo p^a augmentar a sua força e resistência:tudo relativo ao supposto cazo de que abandonado o Corpo Principal ao Inimigo, a Guarnição se recolhesse ao Castello e Fortificaçoens do Bairro de Santiago (p.^a isso d'antemaõ ligados entre pelas Obras n' m'a, e p' n') e ali fazer toda possivel defensa p.^a se manter com glória ou ao menos e honroza Capitulação: tudo segundo as ordens do Ex.mo Commandante Geral do Real Corpo de Engenheiros. Por Manoel Joaquim Brandaõ de Souza. Major do mesmo Corpo. Anno de 1818, Manuel Joaquim Brandão de Sousa, 1819, G.E.A.E.M.

COTA: n/a

ARQUIVO: n/a

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 11



TÍTULO DA CARTA: Planta da Praça de Estremôz

AUTOR(ES): A. Palmeirim

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 1829

DESCRIÇÃO FÍSICA: n/a

NOTAS: Digitalizado de TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA, Margarida, O Urbanismo português: século XIII-XVIII: Portugal-Brasil, (Lisboa), Livros Horizonte, 1999.

Gravura 55. Planta da praça de Estremoz, A. Palmeirim, 1829, A.H.M.

COTA: n/a

ARQUIVO: n/a

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 12



TÍTULO DA CARTA: PLANTA DA VILLA D' ESTREMOZ

AUTOR(ES): Eng. Caetano da Camara Manuel

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: ANNO DE 1875

DESCRIÇÃO FÍSICA: n/a

NOTAS: (cópia)1945

COTA: n/a

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Estremoz

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 13



TÍTULO DA CARTA: [Plan du] chateau et de la ville haute et basse d'Estremoz

AUTOR(ES): Roger de Gaignières

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 1891

DESCRIÇÃO FÍSICA: Plume, encre de Chine et craie bleue sur calque : 39 x 53 cm
(claque), 34,2 x 25,5 cm (avec ajout de papier)

Note : Technique de l'image : dessin. - encre de Chine. - craie de couleur

NOTAS:- calque Sources : "Inventaire des dessins exécutés pour Roger de Gaignières et conservés aux départements des estampes et des manuscrits", Bouchot Henri, Paris, 1891, t. 2

COTA: n/a

ARQUIVO: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b69040129>

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 14



TÍTULO DA CARTA: URBANIZAÇÃO DE EXTREMOZ = ESTUDO =

AUTOR(ES): n/a

ESCALA: 1:1000

DATA A QUE SE REFERE: n/a

DESCRIÇÃO FÍSICA: n/a

NOTAS: Serve de elemento decorativo numa das salas da câmara. Ninguém sabe nada sobre. Estava atrás de uns móveis. E numa suposta remodelação encontraram esta carta. O autor está identificado, mas ilegível.

COTA: n/a

ARQUIVO: câmara municipal de Estremoz

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 15



TÍTULO DA CARTA: PLANO DE ARRUAMENTOS , NOVAS ARTERIAS

(NOTAVEL VILA DE ESTREMOZ)

AUTOR(ES): n/a

ESCALA: 1/1000

DATA A QUE SE REFERE: n/a

DESCRIÇÃO FÍSICA: n/a

NOTAS: Legenda canto inferior esquerdo: Nogueira é um nome percetível.

COTA: n/a

ARQUIVO: Arquivo Municipal de Estremoz

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 16



TÍTULO DA CARTA: Camara Municipal de Estremos PLANTA GERAL DA CIDADE

AUTOR(ES): ? Brito e Cunha

ESCALA: n/a

DATA A QUE SE REFERE: 1947

DESCRIÇÃO FÍSICA: 1 planta : ms., color. ; ; 100 x 102 cm , Em papel ozalide .

NOTAS: esta planta foi-me facultada no arquivo, já em digital e com fraca qualidade

planta geral da cidade em 1947 / Camara Municipal de Estremoz. - [Escala não determinada]. - [S.l. : s.n.], 1947.

Contém a enumeração e toponímia dos prédios militares; nesta planta se vê que a Porta da

Lage é a mesma do que a Porta dos Currais; mostra o quartel dos Telheiros

Descrição baseada em catálogo manual

Título atribuído pelo catalogador

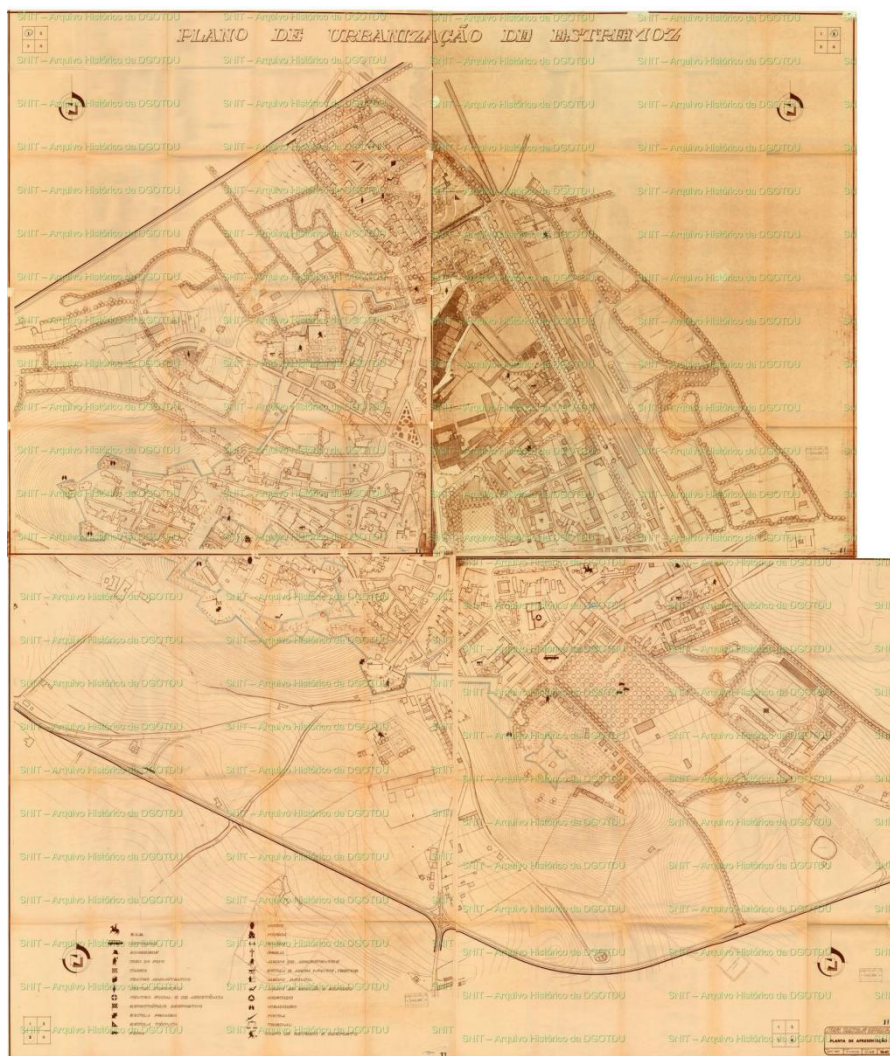
Natureza do documento, segundo classificação definida pela DSE: urbanizações

COTA: 7695-5-68-83 DSE CRT/2003

ARQUIVO: arquivo municipal de Estremoz

<http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/05/5-68-83/7695-5-68-83.jpg>http://www.exercito.pt/sites/BiblEx/PublishingImages/Biblioteca_Digital/die.JPG

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 17



TÍTULO DA CARTA: Anteplano de Urbanização de Estremoz

AUTOR(ES): A. S. Barata da Rocha (Eng. Civil)

ESCALA: 1/1000

DATA A QUE SE REFERE: 1961

DESCRIÇÃO FÍSICA: n/a

NOTAS: n/a

COTA: n/a

ARQUIVO: dgt

FICHA CARTOGRÁFICA Nº 18



TÍTULO DA CARTA: Plano Geral de Urbanização de Estremoz
AUTOR(ES): João Luís Carrilho da Graça (Arq.) e Cristina Veríssimo (Colab.)
ESCALA: 1/5 000
DATA A QUE SE REFERE: 1988
DESCRIÇÃO FÍSICA :n/a
NOTAS: n/a
COTA: n/a
ARQUIVO: dgt

Anexos B

Cronologia de factos históricos
relativos à evolução urbana de Estremoz

	Datas	Ficha cartográfica	Autor	Acontecimentos	Rei	Nota		Censos	Fontes
	sec XII			Conjunto monumental da Alcaçova de Estremoz - Torres da Couraça		A couraça, cuja função é defensiva, é um elemento de arquitetura militar trazido pela civilização muçulmana no séc XII e adaptada pelos cristãos às suas construções militares. É um caminho muralhado que parte da cerca urbana e se estende até junto de um ponto permanente de água, protegido por torres. Este sistema permitia um acesso mais seguro à água potável em caso de cerco prolongado. Em Estremoz, a couraça seria parte integrante da muralha medieval, possivelmente coeva da Torre de Menagem. Toda a estrutura muralhada que ligava as torres à cerca foi destruída em finais do séc XVII.			
	1143 - 1185				D. Afonso Heríques "O Conquistador" (25 Julho 1111 Guimarães-6 Dezembro 1185 Coimbra)				http://www.casarealportuguesa.org/dynamicdata/Cronologia.asp
	1185 - 1211				D. Sancho I "O Povoador" (11 Novembro 1154 Coimbra-27 Março 1211 Coimbra)				
	1211 - 1223				D. Afonso II "O Gordo" (23 Abril 1185 Coimbra-21 Março 1223 Alcobaca)				
	1223 - 1248				D. Sancho II "O Capelo" (8 Janeiro 1248 Toledo)				
1234 - 1244				Fundação do convento de S. Francisco					
1248 - 1279					D. Afonso III "O Bolonhês" (5 Maio 1210 Coimbra-16 Fevereiro 1279 Alcobaca)	"D. Afonso III mandou construir a primeira fortificação portuguesa - de que ainda restam importantes vestígios, o maior dos quais é a torre de Menagem. Aliás a construção da fortificação medieval, iniciada por aquele soberano, foi terminada pelo neto, D. Afonso IV."			inquerito_1961_barata da rocha
1255				1º enterro no claustro do convento de S. Francisco, do Cavaleiro Nuno Martins		Desconhece-se, ainda quando foi fundada a comunidade franciscana em Estremoz. A opinião mais consensual é a que situa esse facto pelos reinados de D. Sanches II ou D. Afonso III,um dos períodos de maior tensão no nascimento do reino de Portugal. A intervenção da rainha D. Beatriz, mulher de Afonso III na construção da igreja do convento, como se deprenda pela inclusão das armas na chuva de abóbada do cruzeiro.			www.patrimoniocultural.pt
					D. Afonso III "O Bolonhês" (5 Maio 1210 Coimbra-16 Fevereiro 1279 Alcobaca)				inquerito_1961_barata da rocha
1258				Data de fundação - 22 de dezembro	D. Afonso III	A sua fundação iniciou-se a partir de um pequeno núcleo fortificado tendo por base razões militares/defensivas e político-administrativas			inquerito_1961_barata da rocha
1279 - 1325				D. Dinis construiu um palácio onde residio por diversas temporadas.	D. Dinis I "O Lavrador" (9 Outubro 1261 Lisboa-7 Janeiro 1325 Odiveelas)				inquerito_1961_barata da rocha
	1281			O pedido de casamentos com D. Isabel de Aragão foi expedido em Estremoz					inquerito_1961_barata da rocha
	1325 - 1357				D. Afonso IV "O Bravo" (8 Fevereiro 1291 Coimbra-28 Maio 1357 Lisboa)				
	1336			morte da Rainha Santa Isabel					inquerito_1961_barata da rocha
	1357 - 1367				D. Pedro I "O Justiciero" (18 Abril 1320 Coimbra-18 Janeiro 1367 Alcobaca)	O Rei D. Pedro I faleceu no Convento dos Franciscanos, em Estremoz			inquerito_1961_barata da rocha
	1367 - 1383				D. Fernando I "O Formoso" (31 Outubro 1345-22 Outubro 1383 Santarém)				
	1383 - 1385				Interregno	Nesta crise, Estremoz foi das Cidades que se revoltaram no alentejo a favor de João de Aviz, pouco depois do assassinio do Conde de Andeiro em Lisboa. Foi nas proximidades de Estremoz que se deu a primeira batalha entre Portugueses e Castelhanos à época, a batalha dos Atouelos, ganha pelos primeiros sob o comando de D. Nuno Álvares Pereira.			
				D.Nuno Alvares Pereira Faz de estremoz quartel-general do miviemnto libertador					
	1385 - 1433				D. João I "O de Boa Memória" (11 Abril 1357 Lisboa-14 Agosto 1433 Batalha)				
	1416			D. João I celebrou Côrtes em Estremoz					
	1490			Em 29 de Novembro de 1490 a Princesa Isabel, filha dois reis católicos, encontrou-se em Estremoz com seu futuro sogro D. João II.					
	1495 - 1521				D. Manuel I "O Venturoso" (31 Maio 1469 Alcochete-13 Dezembro 1521 Belem)				
	1497			Foi em Estremoz que D. Manuel I ordenou que se tirassem aos pais todas as crianças judias com menos de 14 anos.		Nesse mesmo ano e quando residia na cidade, foi Vasco da Gama convidado por D. Manuel para capitanear a frota que iria descobrir o caminho marítimo para a Índia.			
	XVI			Pelourinho de Estremoz		Construído em inícios do Séc. XVI, no reinado de D. Manuel I (1495-1521), em 1698 foi removido da frente do antigo Paço Real de D. Dinis para o terreiro de Santo André, defronte aos Paços do Concelh da época. Entre 1867 e 1871 foi arriado deste local e disperso em local desconhecido, tendo sido reconstruído, em 1916, por Saavedra Machado e Luís Chaves e colocado no local onde hoje se encontra. Mantém originais o fuste, o capitel e o coruchéu de remate, todos estes elementos de estilo manuelino. localizado na Praça Luís de Camões			
sec XVII	nº1	Nicolau de Langres		Desenhos, Plantas de todas as Praças do reino de Portugal		Planta que serviu na Guerra de aclamação			
	nº2			Praça de Estremoz		publicado em La memoria ausente. Cartografia de españa y Portugal (archivo militar de estocolmo)			
	1659					Foi em Estremoz que o Exército Português se reuniu às ordens de D. António Luís de Meneses, Conde de Cantanhede, para socorrer Elvas, que se encontrava cercada por um exército espanhol, comandado por D. Luís de Haro. De ali partiram para derrotar os espanhóis na Batalha das Linhas de Elvas, tendo causando enormes baixas aos seus adversários.			
	1663					O Exército Espanhol, comandado por D. João de Áustria e o exército Português, comandado pelosCondes de Vila Flor e de Schomberg defrontaram-se nos campos de Ameixal a 5km de Estremoz. O exército espanhol tinha acabado de conquistar Évora . Era constituído por 3000 cavaleiros 2000 homens a pé, sendo este um dos mais perigosos ataques espanhóis durante a guerra da Restauração. Depois da Batalha, o exército espanhol retirou-se para Badajoz.			
	1656 - 1683			Demolição de 900 casas paraas fins militares	D. Afonso VI "O Vitorioso" (21 Agosto 1643 Lisboa-12 Setembro 1683 Lisboa)	Como sempre aconteceu, esgotado a área intramuros, a povoação foi-se estendendo pela zona mais suave da encosta (a nascente) mas, no reinado de D. Afonso VI, mais de 900 dessas casas foram demolidas por necessidades militares - para a construção das muralhas, iniciadas com D. João VI.			inquerito_1961_barata da rocha
	1670			Fundado do Hospital Real de S.João	D. Afonso VI				
	1683 - 1706				D. Pedro II "O Pacifico" (26 Abril 1648 Lisboa-9 Dezembro 1706 Lisboa)				
	1688			Lago do Gadanha		O Rossio de São Brás vê surgir um majestoso lago e fonte que, segundo fontes do séc XVIII, era capaz de "saciar a sede de todo o nosso exercito.". Estremoz não poderia imaginar que este se tornaria um dos seus ex libris. Mandado construir pelo Senado de Estremoz, aproveita umas das mais importantes nascentes da zona baixa da cidade que se encontra no extremo sudoeste do Rossio Marquês de Pombal, a nascente da Fonte Nova. O imponente lago é abastecido por um canal subterrâneo que atravessa todo o Rossio Marquês de Pombal. A conhecida estátua do "Gadanha", da mesma altura do lago, é originário do Convento dos Congregados, tendo sido transporta para o centro do lago só em meados do séc XIX. É nesta altura que a estatua muda de significado. Representando, primitivamente, o Deus Saturno, símbolo da fatura e da abundância, passa a ser conhecido como é hoje. E é, de facto, como Gadanha que passa a ser conhecido e reconhecido por todos, simbolizando o efêmero e fugacidade da vida, como o comprova a inscrição existente no pedestral. Marca importante do período barroco em Estremoz, apresenta uma irónia e contraditória ambiguidade, O "Gadanha", que representa a fugacidade e celeridade do tempo, acaba por ser eterno, permanecendo na memória colectiva da cidade.			
	1698			Em agosto de 1698, o arsenal que existia numas dependências do palácio de D. Dinis e no qual se guardavam "muitos milhares de arrobas de pólvora e grandes volume de munições" explodiu em consequência de um incêndio, destruindo praticamente todo o edifício e atingindo também a Torre de Menagem e a Igreja de Santa Maria.		Todo o recheio se perdeu. A tenda do Imperador Carlos V, tomada a D. João de Áustria na batalha do Ameixial (de "tecido de seda, guarnecida de ouro, cordões e borlas do mesmo tecido") foi uma das muitas preciosidades desaparecidas. - Referências colhidas no livro do Dr. Marques Crespo "Estremoz e o seu termo regional"			inquerito_1961_barata da rocha
	1700	nº3		Estremóz					
	1705	nº4	Diogo Barbosa Machado	Mappas do Reino de Portugal e suas conquistas					
	1705	nº5	Louis Boudan	Plan de la ville et chateau d'Estremoz					
	1790	nº6	Filipe Neri da Silva	Planta da Praça de Estremos					
	1800	nº7	Petipe De Brassis	Planta da Praça de Estremos		Data provável, atribuída segundo a marca de água e caligrafia			
	1818	nº8	Major Manoel Joaquim Brandão de Sousa	Carta Geral Militar e Topografica Da Praça De Estremós					
	1818	nº9				Carta muito semelhante ao mapa da ficha nº8			
	1819	nº10	Major Manoel Joaquim Brandão de Sousa	Planta do Castelo de Estremóz e bairro anexo de Santiago					
	1829	nº11	A. Palmeirim	Planta da Praça de Estremóz					
	1855					No antepiano do barata da rocha é reconhecido um plano para a cidade de 1855 por frederico perry vidal: a cidade estava cercada pelas fortificações que foram destruídas posteriormente pela contrução do caminho de ferro.			
	1873			Inauguração da linha de ferro					
	1875	nº12	Eng. Caetano da Camara Manuel	Planta da villa d'Estremoz					
	1891	nº13	Roger de Gaignières	Plan du chateau et de la ville haute et basse d'Estremoz					
	1910			Nascimento de António de Spínola em Estremoz					
	1911			80% da população é analfabeta					8346
	1920								
	1926			Estremoz foi elevada à categoria de Cidade		Distinção de "Notável Vila"			9718
	sec XX	nº14	Assinado, não legível	Urbanização de Estremoz - estudo					
	sec xx	nº15		Plano de arruamentos, novas arterias					10118
	1940	nº16		Planta Geral da Cidade					6765
	1947								10598
	1950			52% população é analfabeta		Esta percentagem é decrescente: 1911- 80% 1930- 70% 1940- 64%			10 122
	1961	nº17	A. S. Barata da Rocha	Antepiano de urbanização de Estremoz		Nota: "a presença, na cidade, do regimento de cavalaria 3 é, no entanto, sensível e sê-lo-á ainda no futuro próximo, não só pela ocupação urbana considerável, como pelas influências de toda a natureza que a presença de militares e suas famílias provocam na vida da cidade."			
	1988	nº18	João Luis Carrilho da Graça	Planta geral de urbanização de Estremoz					

Bibliográfica

Abel, António borges. *Vilas de fundação medieval no Alentejo - contributos para o estudo da morfologia urbana*. Évora, 1995.

Associação de desenvolvimento da zona dos mármore. *Uma patine milenar*. Estremoz, 1996.

Carmona, Matthew, Tim Heath, Taner Oc, e Steve Tiesdell. *Public Places - Urban Spaces*. Burlington: Architectural Press, 2003.

Coste, Michel, e Roux de Antoine. *Bastides - Villes neuves médiévales*. Rempart: Desclée de Brouwer, 2007.

Crespo, Marques. *Estremoz e o seu termo "regional"*. Estremoz: Edição Fac-similada, 1950.

Escudeiro, Lorenzo de la Plaza, Adoración Morales Gómez, Maria Luisa Bermejo Lopez, e José María Martínez Murillo. *Dicionário Visual de Arquitectura*. Lisboa: Quimera Editores, 2014.

Fernandes, José Manuel. *O lugar da cidade portuguesa - Povos e culturas : A cidade em Portugal como se vive*. Vol. Volume 2. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1987.

Gaspar, Jorge. *A cidade portuguesa na Idade Média: aspectos da estrutura física e desenvolvimento funcional*. Vol. tomo I. Madrid: Univ. Comp. de Madrid, 1985.

Hofstatter, Hans, e Hannes Pixa. *História Universal Comparada*. Vol. VIII. VI vols. Resomnia Editores, 1987.

Lôbo, Margarida Souza. *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*. Montagem por Manuel Mendes. Porto: Policopiada, 1993.

Paio, Alexandra. *As novas vilas medievais séc. XIII-XIV*. Lisboa, 2001.

Paio, Alexandra, Henrique Albergaria, Ana Madaleno, e Lusitano dos Santos. *vilas Medievais Planeadas de Portugal*. Coimbra: IERU, 2007.

Panerai, Philippe, Jean - Charles Depaule, e Marcelle Demorgon. *Analyse rubaine*. Éditions Parenthèses, 1975.

Ramos, Rui, Bernardo Sousa, e Nuno Monteiro. *História de Portugal*. Montagem por A Esfera dos Livros. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

Rosenau, Helen. *A Cidade Ideal*. Montagem por Editorial Presença. 1983.

Teixeira, Manuel C., e Margarida Valla. *O urbanismo português: século XIII-XVIII: Portugal-Brasil*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

Vermelho, Joaquim. *Ler nas pedras*. Montagem por Câmara Municipal de Estremoz. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz, 1997.



Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Mestrado Integrado em Arquitetura

Joaquim Satiro

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

**Hostel Travessa do Castelo
Alenquer**

Orientador:

VERTENTE PROJECTUAL:

Pedro Mendes – Professor Auxiliar do ISCTE-IUL

Outubro, 2017

Índice

Introdução	121
Enquadramento histórico de Alenquer	123
Evolução urbana de Alenquer	125
Trabalho de grupo	133
Proposta individual	139
Introdução	140
Estratégia	140
Desenhos técnicos	142
Maquetas de estudo	155

Introdução

Com o intuito de responder ao programa para Alenquer , inicia-se o ano letivo com o levantamento de informação sistematizada, para a concretização de um caderno de turma.

Alenquer é um lugar revelador de imaginários paradoxais: por um lado, o aparato industrial constitui uma limitação a novas formas de ocupação ou funções. Por outro, abre um enorme potencial de intervenção. Esta condição abre espaço para uma ação crítica através do projeto de arquitetura que permita a definição de novos programas, a incorporação e reconfiguração do tempo de uso do lugar, a consideração da resiliência dos programas e espaços de produção e da complementaridade entre as funções de habitar e do produzir.

A vertente projectual, inicia-se com a realização de trabalhos de grupo, com o propósito analisar Alenquer.

O grupo 5, onde fiquei colocado, ficou encarregado do levantamento topográfico da vila de Alenquer.

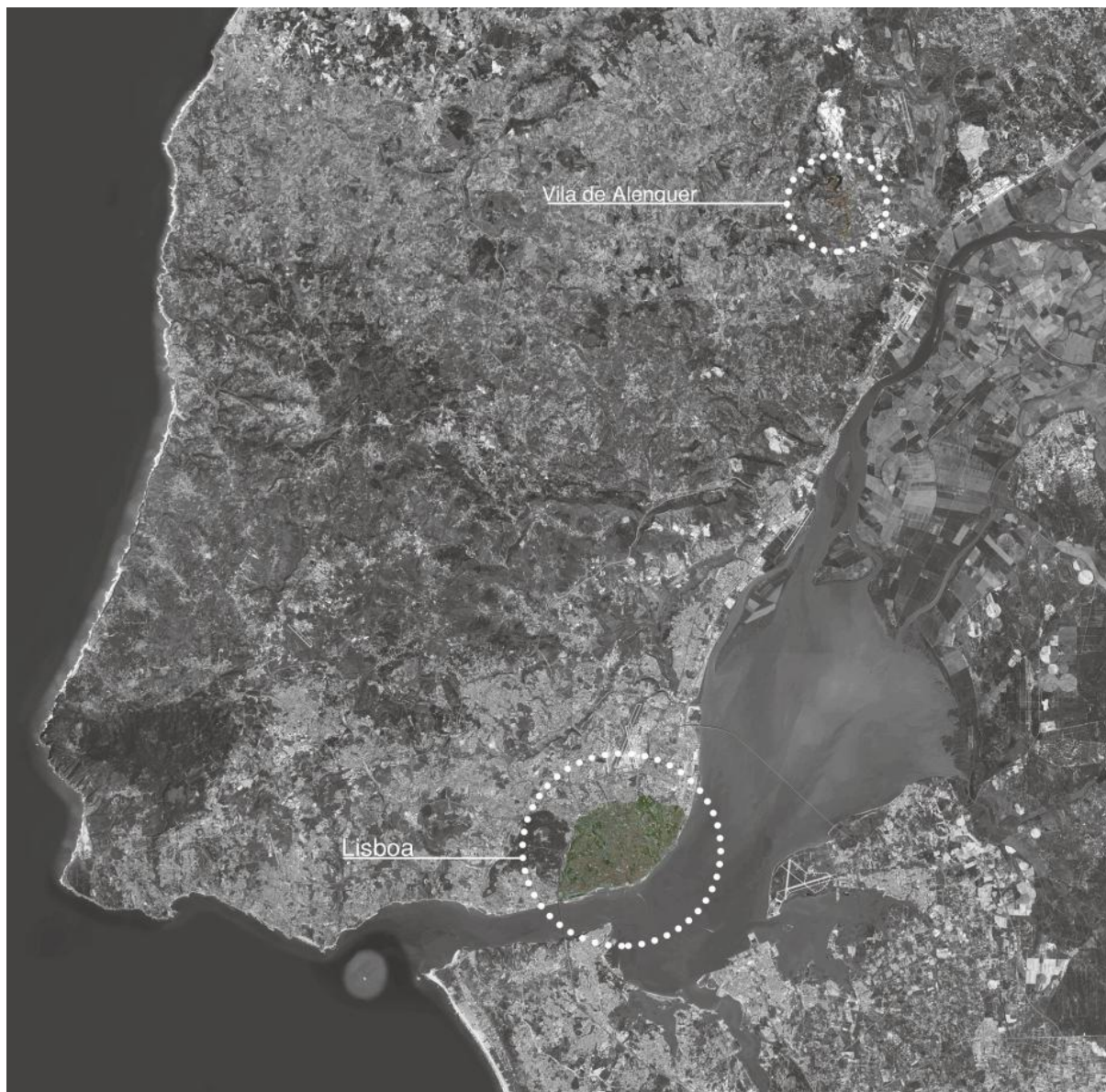
Dando resposta ao enunciado elaborado pelos docentes de projeto para a requalificação de Alenquer, a estratégia de grupo tem interesse na importância visual da ribeira e na definição do espaço público que a circunda. Ao longo da vila de Alenquer é-nos imposta uma relação entre as duas margens da ribeira, não apenas visual como física, através de pequenas pontes. Esta relação de proximidade entre margens é interrompida por terrenos privados, que impossibilitam o aceso público a um lado da ribeira, quebrando as possíveis relações entre as diferentes parte da vila.

Enquadramento histórico de Alenquer

O concelho de Alenquer foi constituído num passado recente no fervilhar do processo liberal entre 1832 e 1855, no período que corresponde, culturalmente, às gerações do Romantismo. Alenquer desempenhou um papel preponderante em cada época, em cada momento, da história de Portugal. Desses tempos ficaram vestígios materiais, lendas, memórias e tradições, que são património de todos.

Deste modo foi executado uma cronologia da forma urbana, de modo a entender-se a evolução da vila de Alenquer.

Evolução urbana de Alenquer





Planta 1927



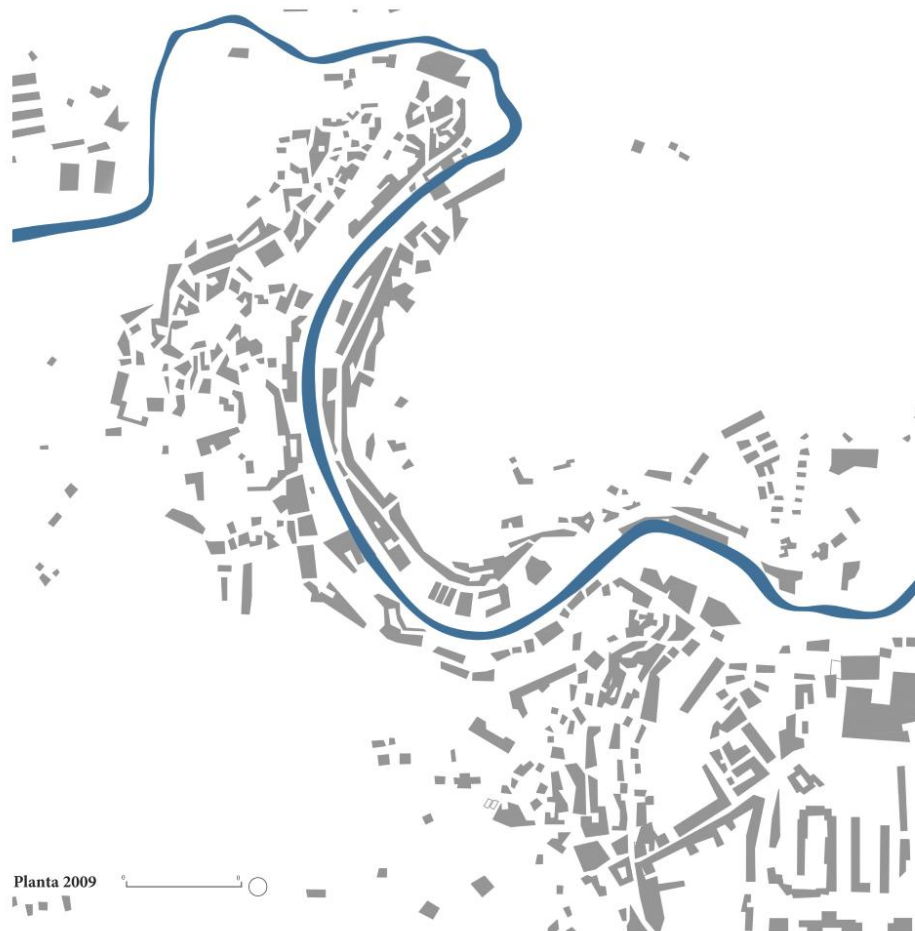
1942







Planta 1992



Trabalho de grupo



Panorâmica do Corte A



Panorâmica do Corte A'





Panorâmica do Corte B



Panorâmica do Corte C



Panorâmica do Corte C'







Proposta individual

Introdução

Proposta para um hostel em Alenquer, junto à antiga cadeia quinhentista.

Atualmente o local é constituído por um edifício devoluto de dois pisos e por um terreno baldio. Encontra-se na zona venha da vila de Alenquer, com uma malha urbana bem consolidada.

O local tem por consequências morfológicas do edificado, uma vista privilegiada sobre a vila, sendo por isso um local propício para a intervenção.

Estratégia

Dada a sua localização, assim como as isovistas que o lugar dispõe, tal como os acessos recônditos da zona velha da vila, foi pertinente o desenvolvimento da proposta de um hostel neste local.

Este hostel tem como objetivo requalificar a área e usufruir das vistas. Tentando com este equipamento aproximar a zona ribeirinha da zona velha da vila de Alenquer. Para além de desenvolver um carácter ao local, tem também a vantagem de se diluir com a paisagem de forma subtil. Tendo ao mesmo tempo a capacidade de remeter o transeunte para o passado histórico do lugar.

Desenhos técnicos



Implantação geral



Piso 0



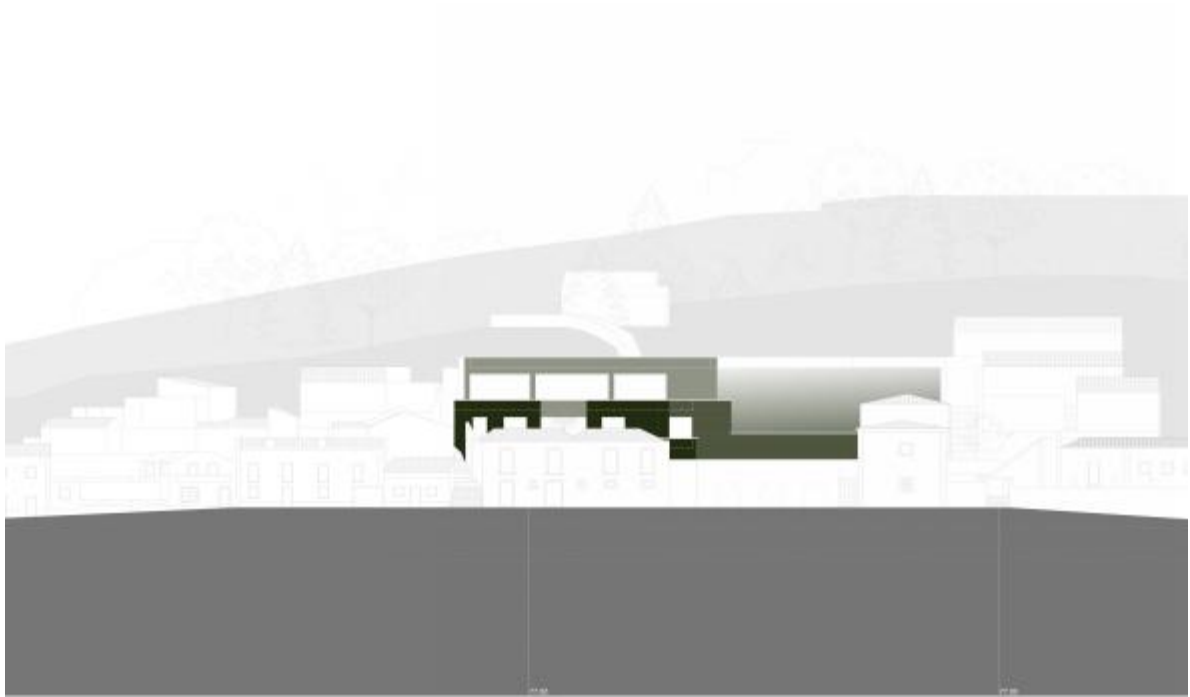
Piso 1



Piso 2



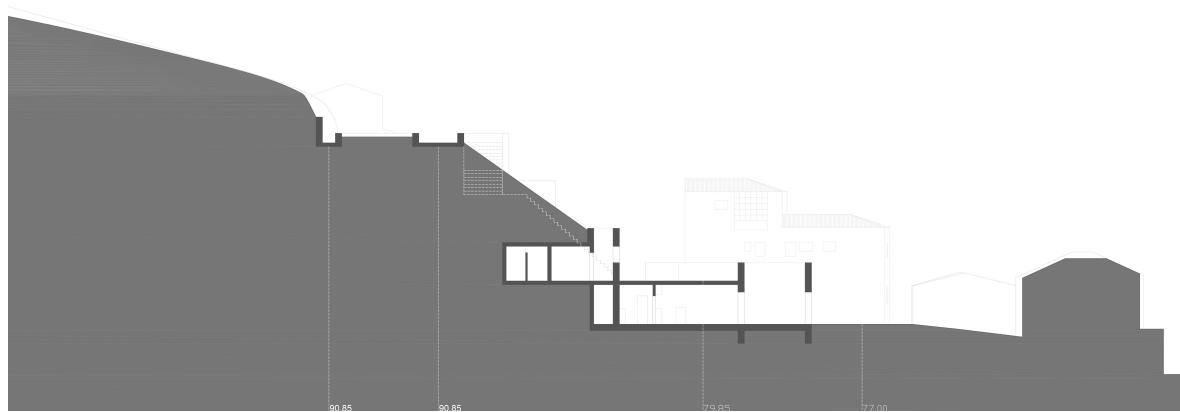
Piso 3



Alçado Frontal



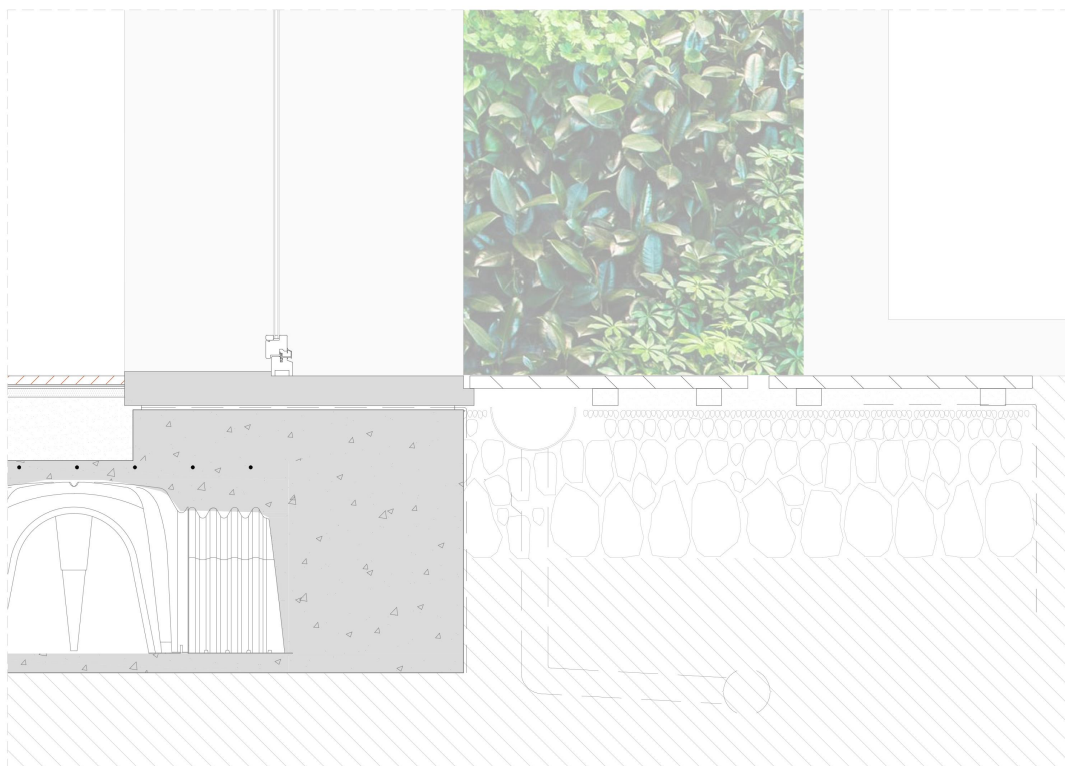
Alçado lateral



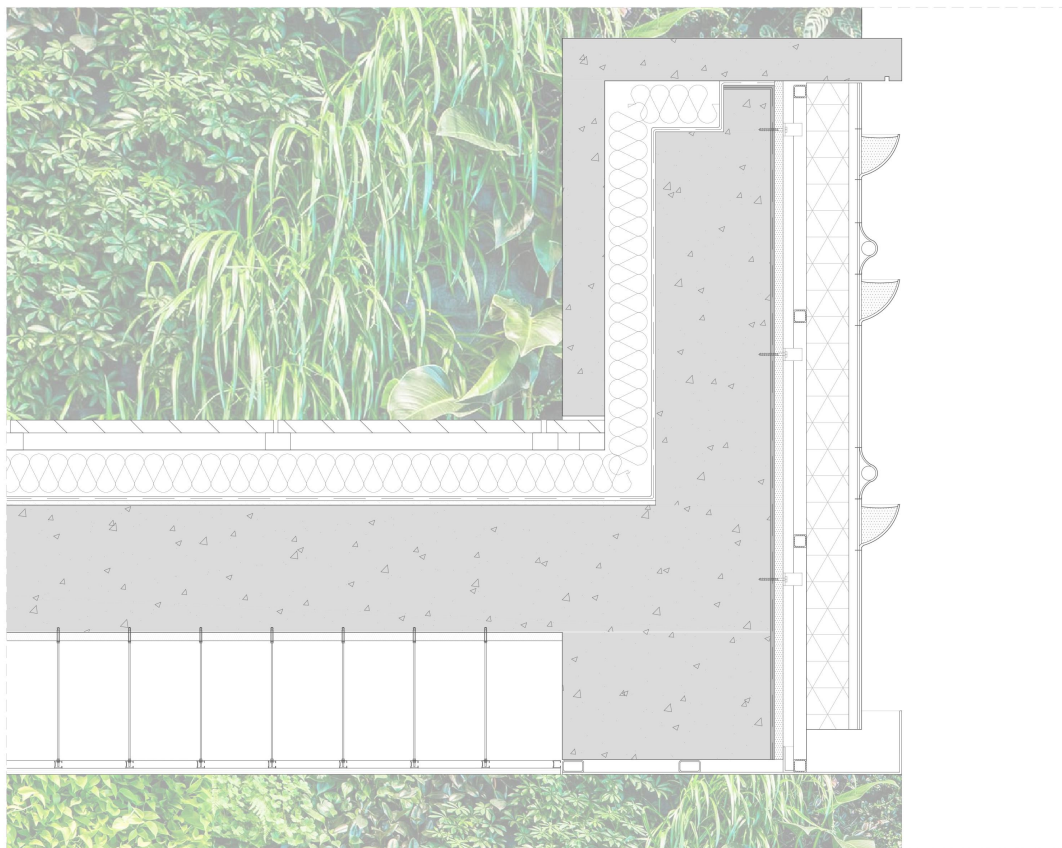
Corte aa'



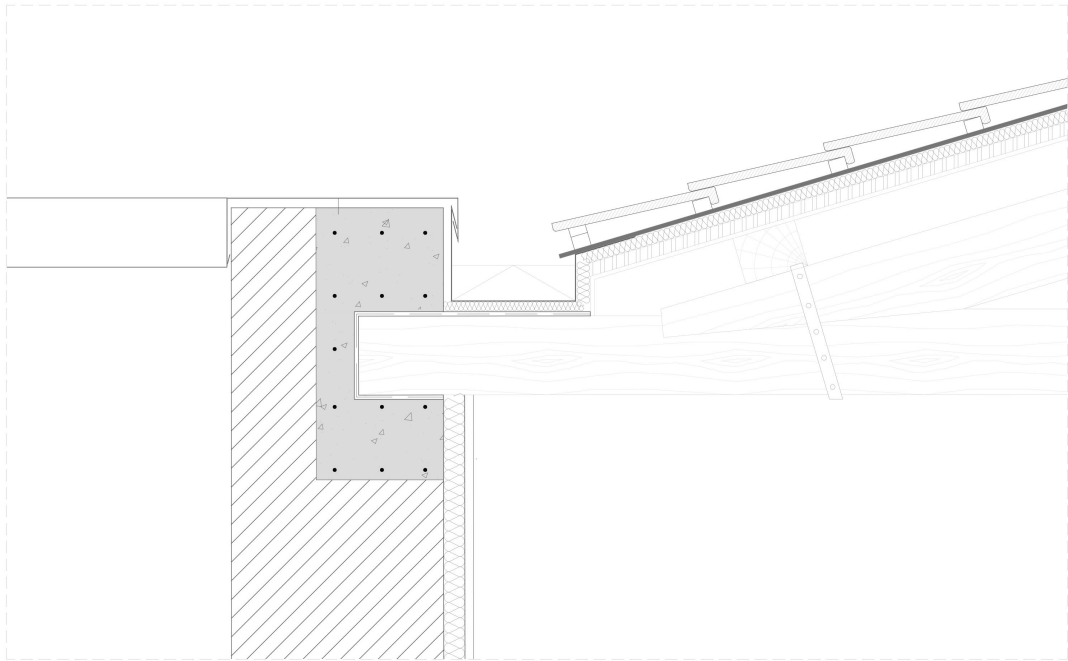
Corte bb'



P1



P2



P3

Maquetas de estudo



Maqueta de estudo esc 1_200

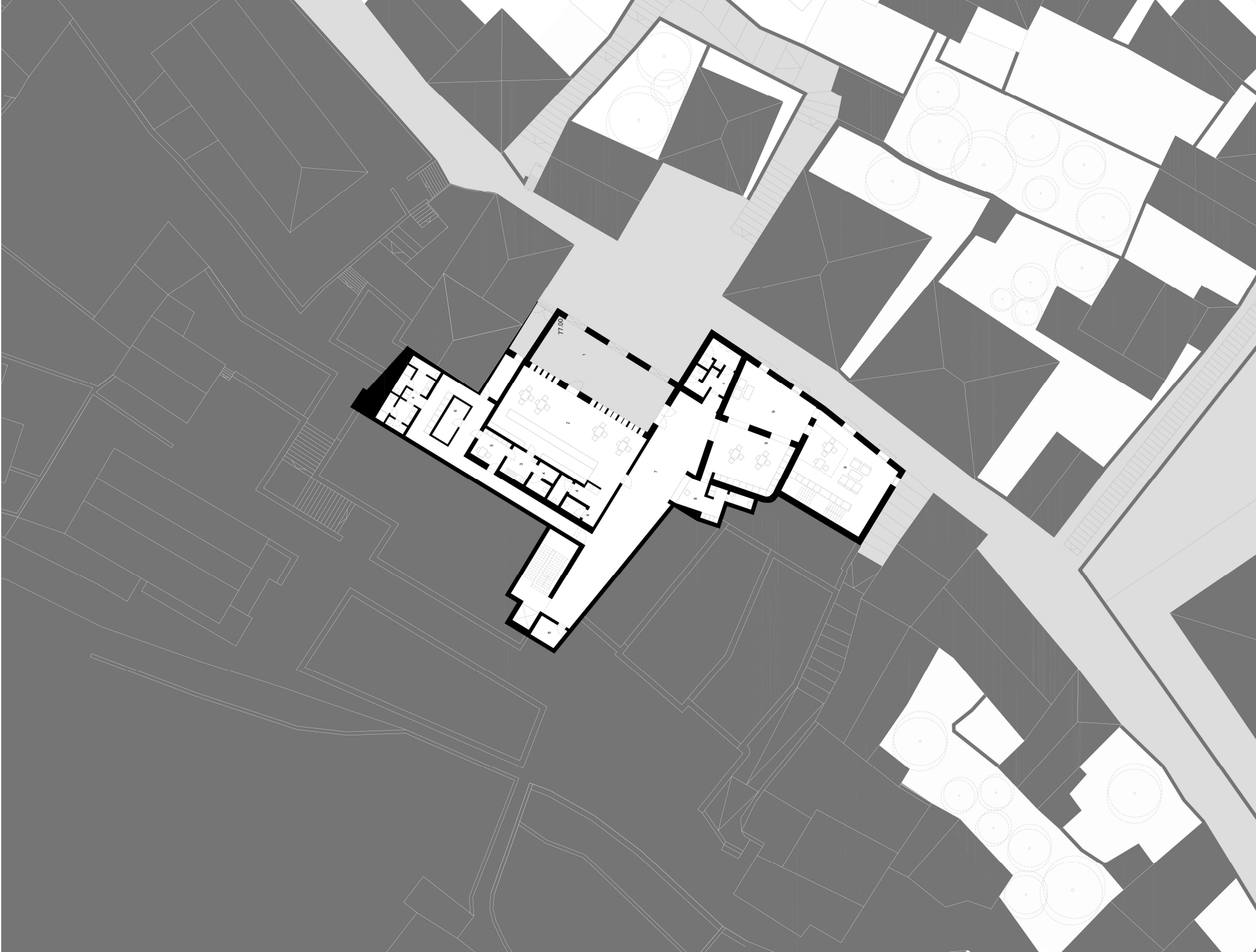


Maqueta de estudo esc 1_200



Maqueta de estudo esc 1_20





Legenda:

- 1- Pátio 2- Cafeteria 3- Cozinha 4- I.S. 5- sala de staff 6- Armazens 7- Átrio 8- Recepção 9- Sala de Exposições
- 10- Acesso 11- Administração 12- Quarto 13- Sala 14- Lavandaria 15- Cozinha

ISCTE-IUL Projeto Final de Arquitetura 2016_17

Hostel Traversa do Castelo - Alenquer

Discante: Joaquim Salgueiro

Docente: Professor Auxiliar Pedro Mendes



Piso 0
1:200



Legenda:

- 1- Pátio 2- Cafeteria 3- Cozinha 4- I.S. 5- sala de staff 6- Armazens 7- Átrio 8- Recepção 9- Sala de Exposições
- 10- Acessos 11- Administração 12- Quarto 13- Sala 14- Lavandaria 15- Cozinha

ISCTE-IUL Projeto Final de Arquitetura 2016_17

Hostel Traversa do Castelo - Alenquer

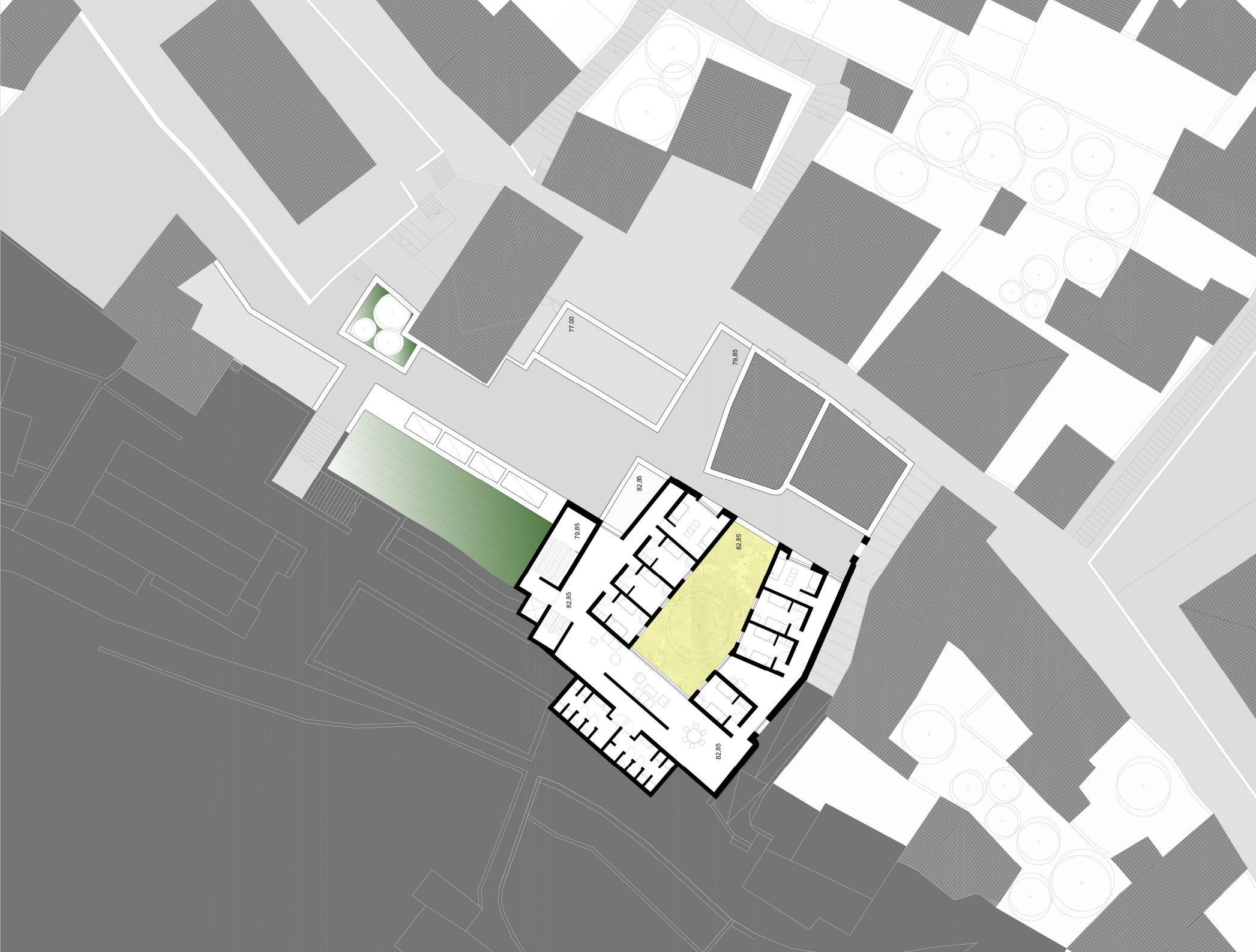
Discente: Joaquim Salgueiro

Docente: Professor Auxiliar Pedro Mendes



Piso 1
Escala
1:200

03



Legenda:

- 1- Pátio 2- Cafeteria 3- Cozinha 4- I.S. 5- sala de staff 6- Arrumos 7- Átrio 8- Recepção 9- Sala de Exposições
- 10- Acessos 11- Administração 12- Quarto 13- Sala 14- Lavandaria 15- Cozinha

ISCTE-IUL Projeto Final de Arquitetura 2016_17

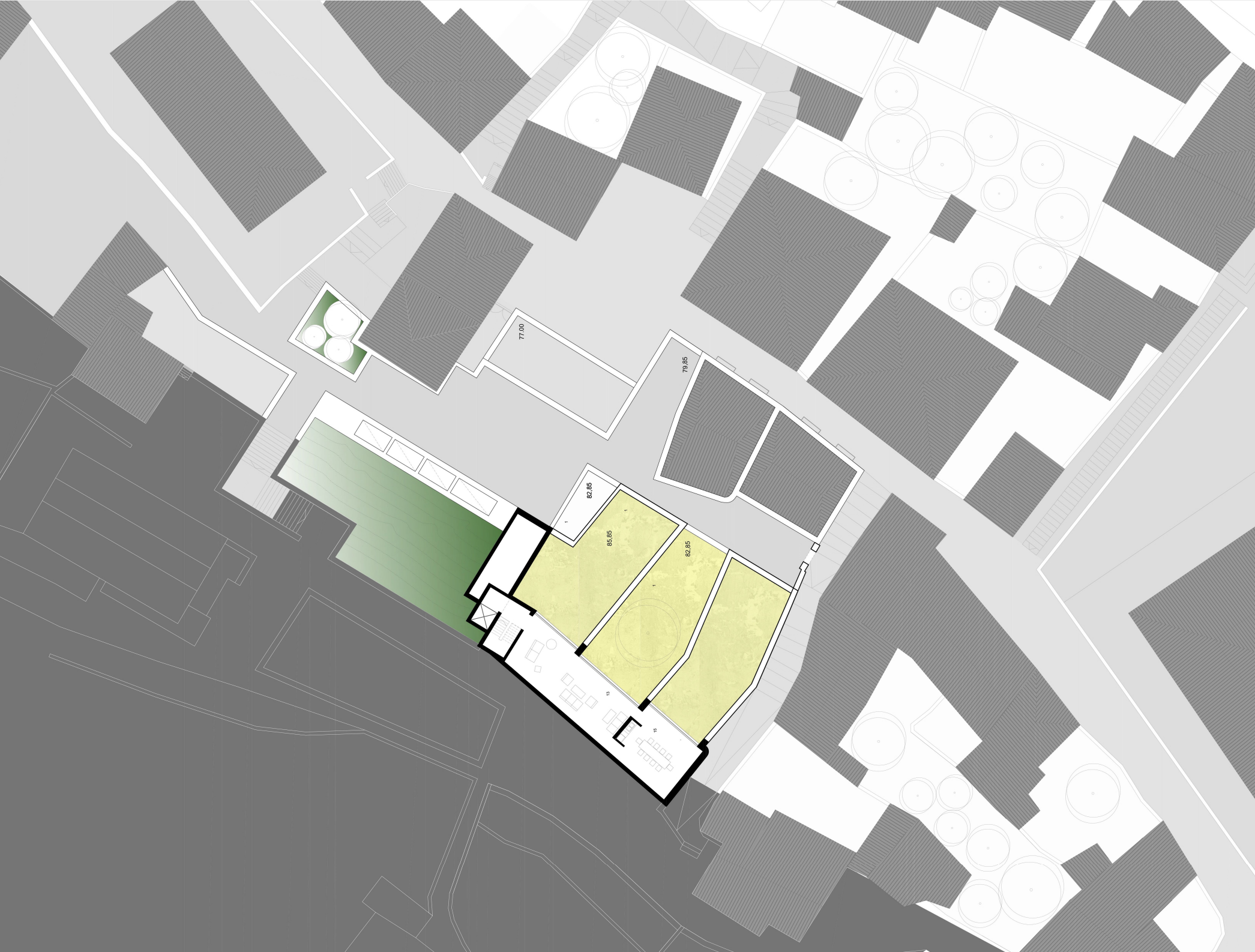
Hostel Traversa do Castelo - Alenquer

Discente: Joaquim Salgueiro

Docente: Professor Auxiliar Pedro Mendes

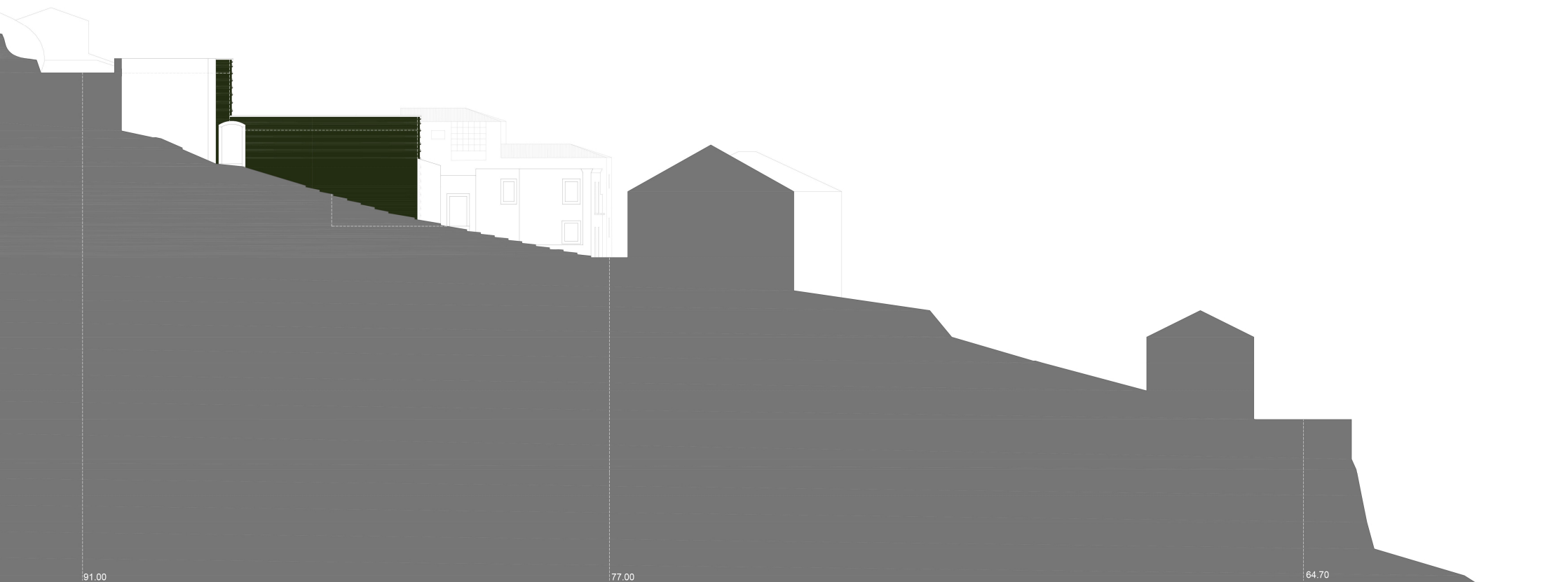


Piso 2
1:200



Legenda:

- 1- Pátio 2- Cafeteria 3- Cozinha 4- I.S. 5- sala de staff 6- Armazens 7- Ário 8- Recepção 9- Sala de Exposições
- 10- Acessos 11- Administração 12- Quarto 13- Sala 14- Lavandaria 15- Cozinha



ISCTE-IUL Projeto Final de Arquitetura 2016_17

Hostel Travessa do Castelo - Alenquer

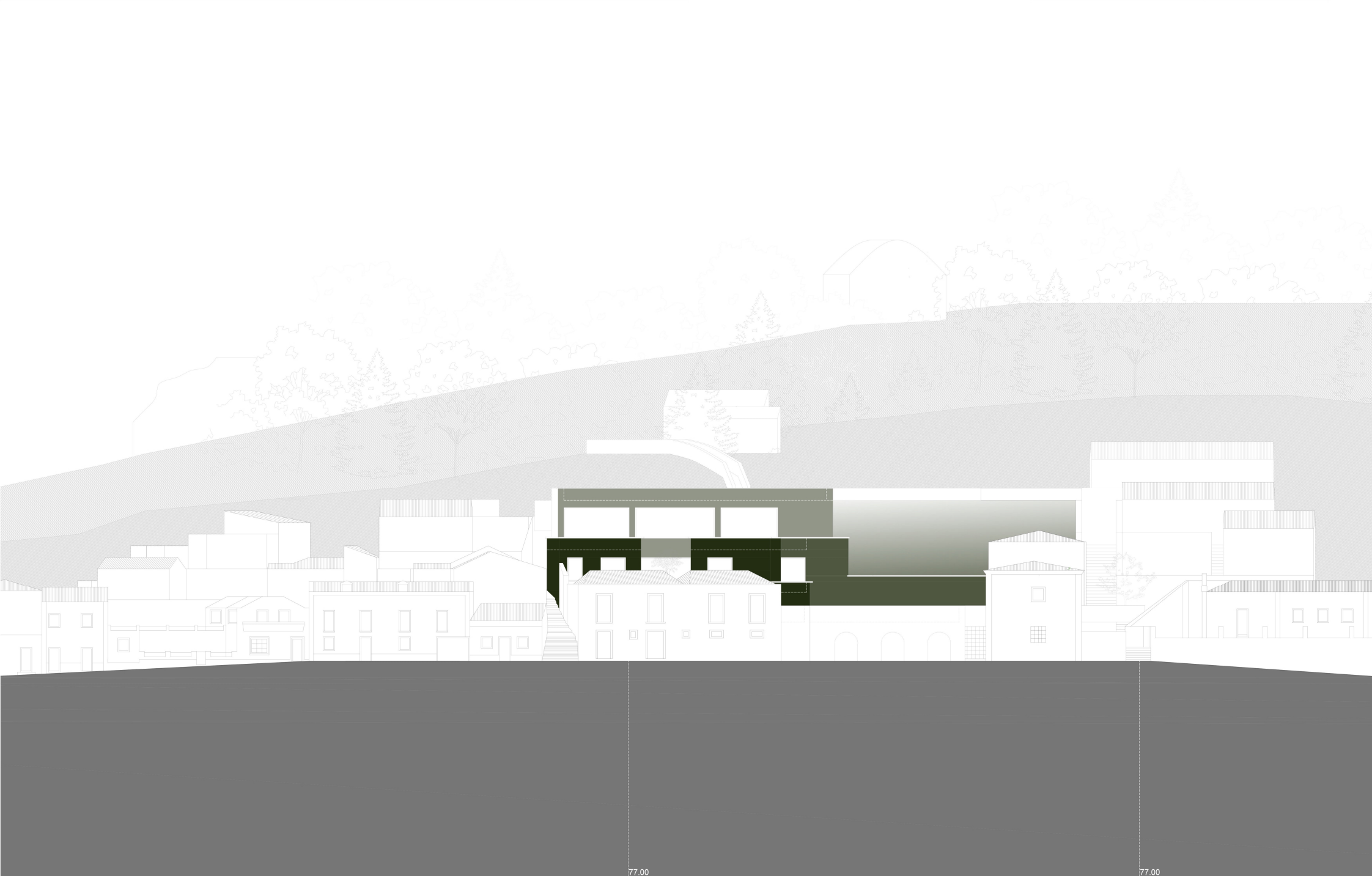
Discente: Joaquim Satiro

Docente: Professor Auxiliar Pedro Mendes

Alçado Lateral

Escr:
1_200

07



77.00

77.00

ISCTE-IUL Projeto Final de Arquitetura 2016_17

Hostel Travessa do Castelo - Alenquer

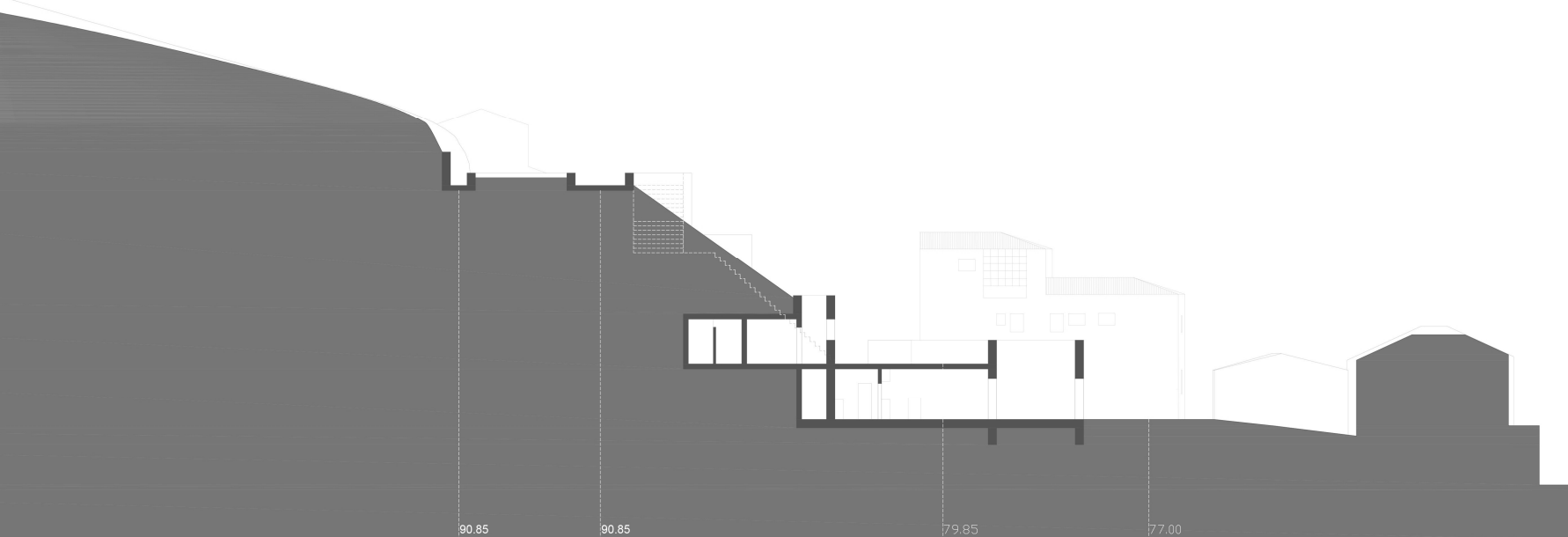
Discente: Joaquim Satiro

Docente: Professor Auxiliar Pedro Mendes

Alçado Frontal

Escr:
1_200

06



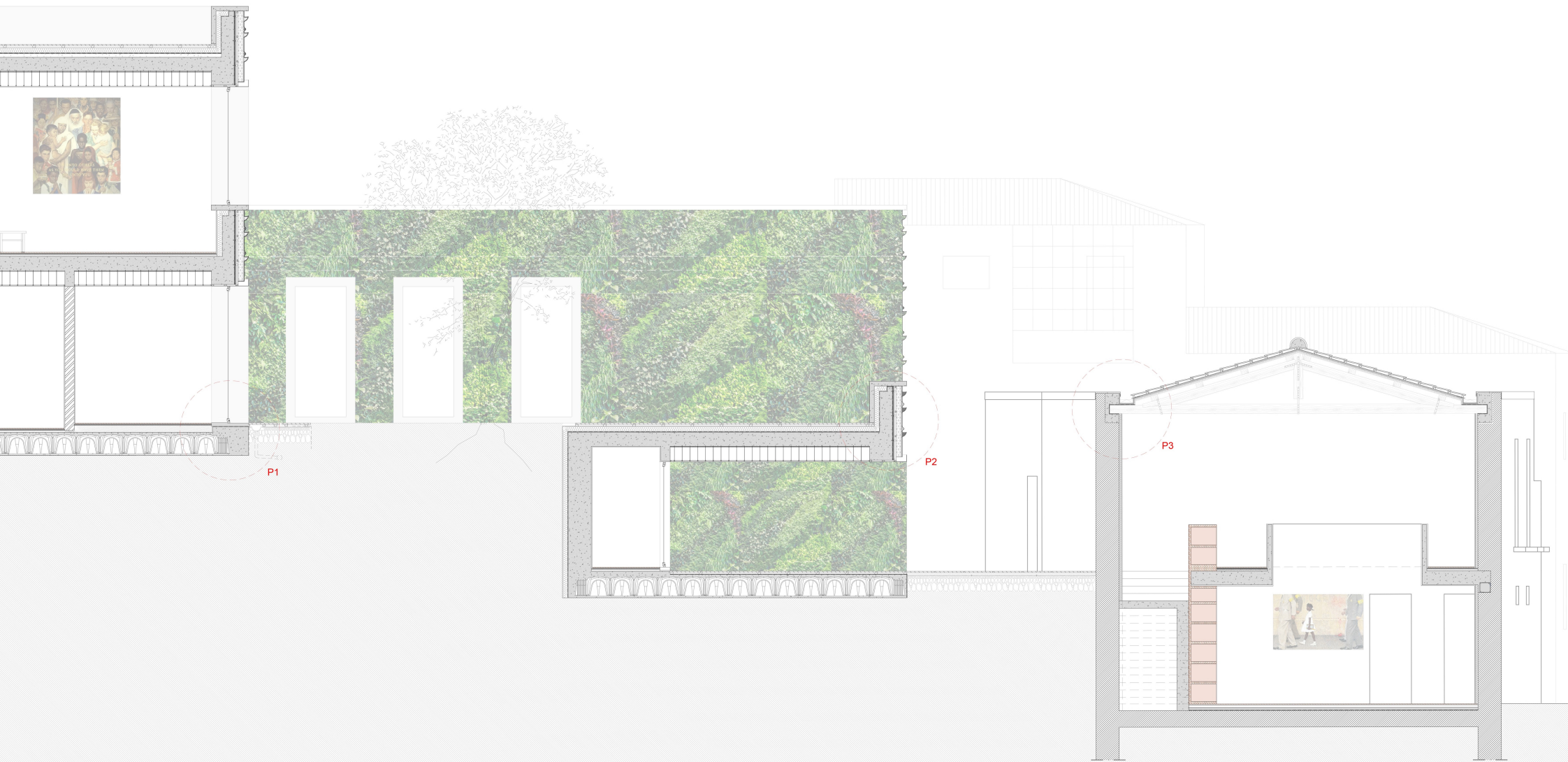
ISCTE-IUL Projeto Final de Arquitetura 2016_17

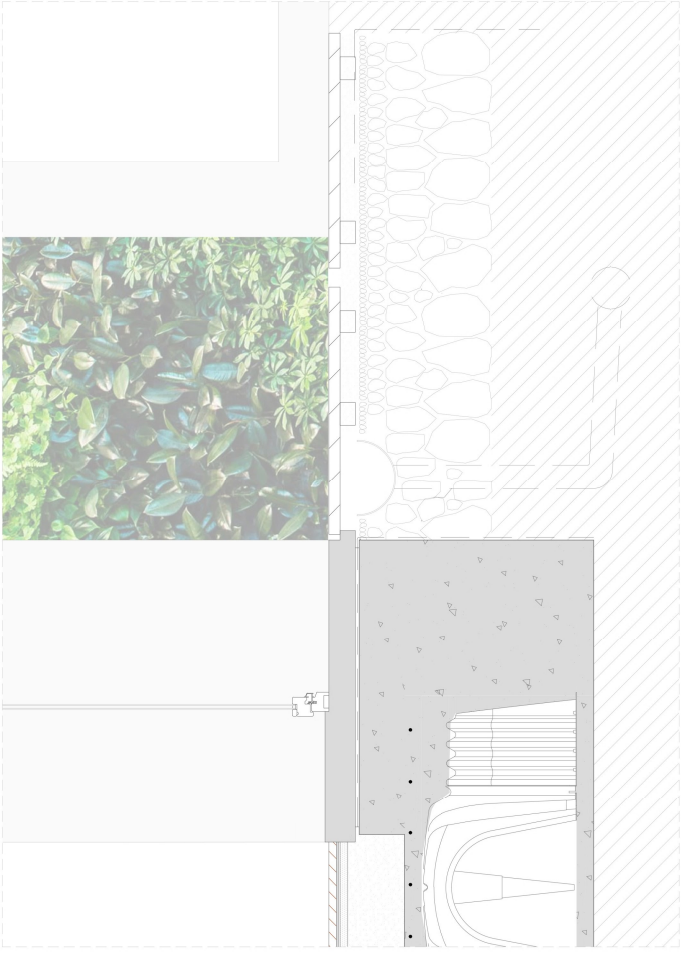
Hostel Travessa do Castelo - Alenquer

Discente: Joaquim Satrio
Docente: Professor Auxiliar Pedro Mendes

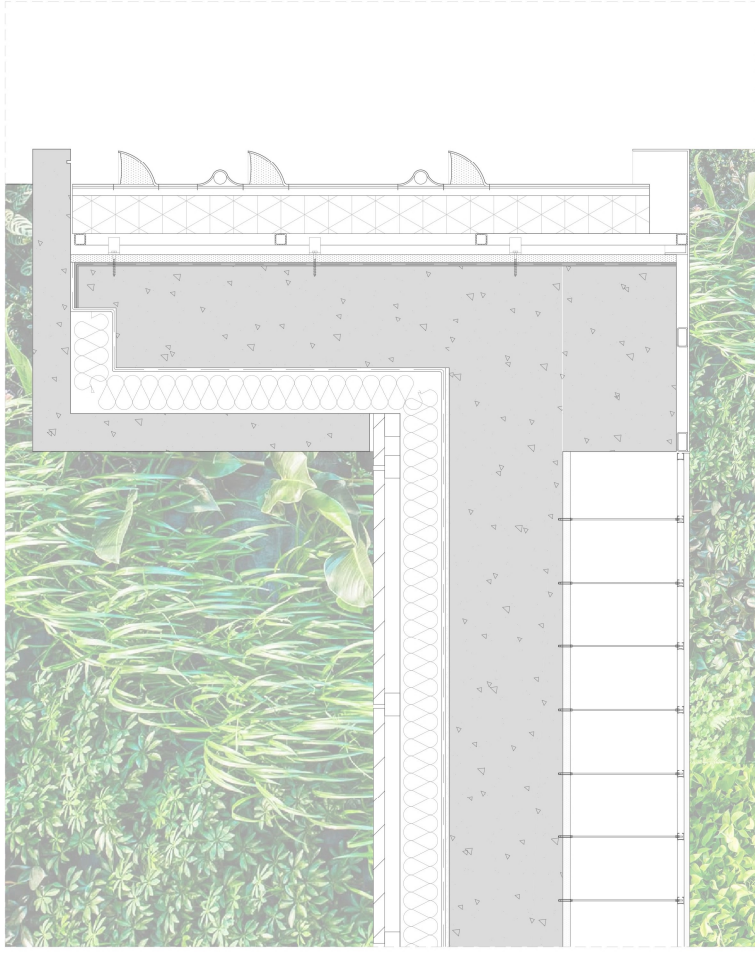
Corte 1

Escala:
1_200

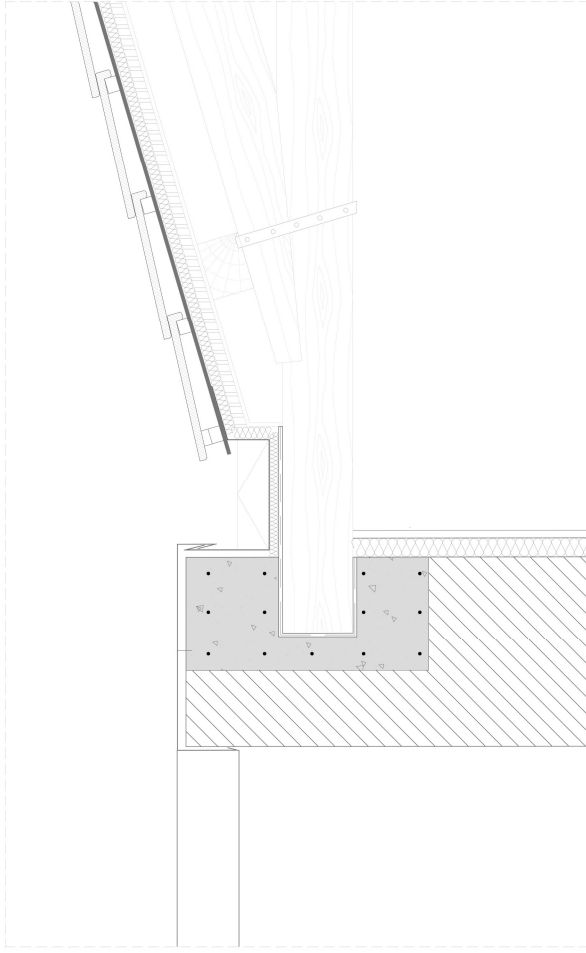




P1



P2



P3